

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo Miotto Ternus

Presidente da Epagri
Giovani Canola Teixeira

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pecuária

Jonas Pereira do Espírito Santo
Diretor Administrativo Financeiro

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2022

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: julho de 2022 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014) –

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria. A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Safras; Conjuntura

ISSN: 2764-7579 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Giovani Canola Teixeira
Presidente da Epagri

Sumário

Grãos	5
Arroz	5
Feijão	8
Milho.....	11
Soja	16
Trigo.....	21
Hortaliças	23
Alho.....	23
Cebola.....	27
Pecuária	31
Avicultura.....	31
Bovinocultura	36
Suinocultura.....	40
Leite	46

Grãos

Arroz

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

Apesar da finalização da colheita no estado, que resultou em aumento da oferta interna do grão, nos meses de junho e julho os preços do arroz reagiram no mercado catarinense. Comparativamente ao mês de maio, o preço médio de junho foi 0,82% maior, fechando em R\$ 67,80/sc de 50 kg. Na primeira quinzena de julho, a tendência de aumento se apresentou mais significativa, com preços médios, até o momento, fechando em R\$ 69,62/sc de 50 kg. No Rio Grande do Sul, os preços de junho foram de R\$ 72,66, 1,90% maiores do que no fechamento do mês anterior (Figura 1). O comportamento observado nos últimos meses em Santa Catarina se deve ao aumento da demanda interna por parte das indústrias, que visam atender aos pedidos de atacadistas, bem como a uma influência dos preços gaúchos, que aumentaram em razão do aquecimento da demanda interna e das exportações. Pelo comportamento sazonal, espera-se, entre os meses de fevereiro e julho, que haja uma redução dos preços, pelo aumento da oferta interna, em decorrência do avanço da colheita e, entre agosto e janeiro - período de entressafra - os preços apresentem aumento no mercado pela escassez de produto. Pelas reações do mercado nos últimos meses, é possível que o segundo semestre seja marcado por comportamento típico, com preços em elevação, diferentemente do que se observou em 2021. Os produtores que não têm necessidade de fazer caixa logo após a colheita podem aproveitar o período de entressafra para alcançar melhores preços. No entanto, cabe ressaltar que, pela configuração atual do mercado, os preços, mesmo com o movimento ascendente, ainda estão abaixo dos custos referenciais para o estado, o que demonstra a importância de se fazer uma boa gestão da propriedade para que as margens sejam positivas.

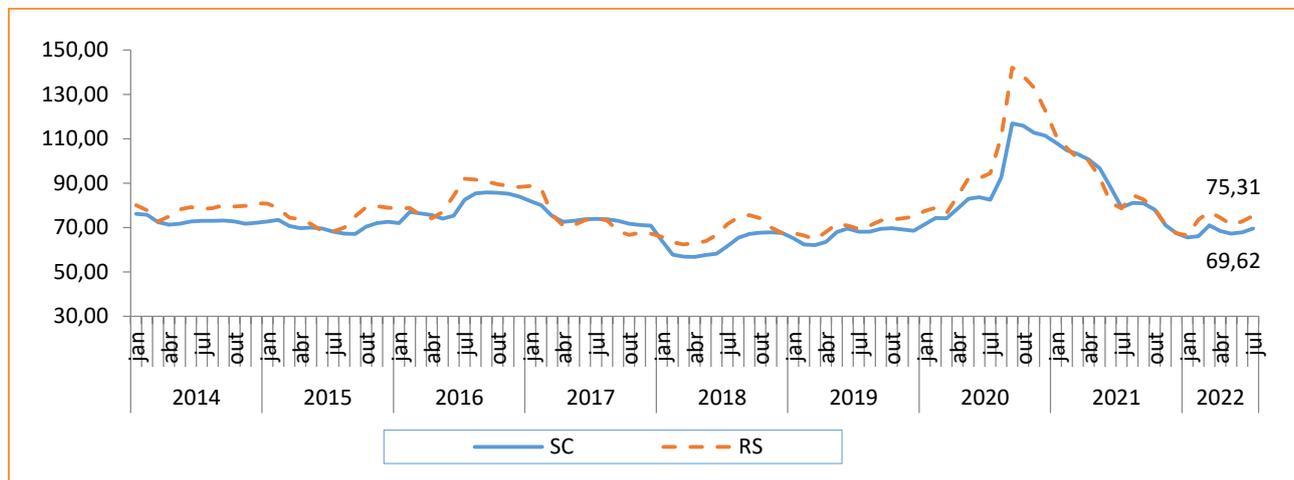


Figura 1. Arroz irrigado/SC – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2014 - jul.*/2022)

Nota: *Preço médio da primeira quinzena.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS) julho/2022.

Mercado Externo

No que se refere às exportações, observa-se, em 2021, que, em termos de valor, Santa Catarina exportou cerca de 64% menos do que em 2020. Apesar de em 2021 o valor ser inferior ao exportado em 2020, demonstra uma participação maior que nos anos tidos como normais para o mercado externo catarinense.

Destacam-se, como principais destinos das exportações em 2021, Trinidad e Tobago (81,14%), África do Sul (7,51%) e Marrocos (2,16%). Do lado das importações, em 2021 o estado importou 58% a menos que em todo o ano de 2020. Países tradicionais, como o Uruguai e o Paraguai, reduziram suas participações nas importações por problemas nas safras, dando espaço à Guiana, por exemplo, que participou com 15,26% do valor total de 2021. O Uruguai destinou 48,21% do valor total importado por Santa Catarina e o Paraguai, 11,65%. Embora o acesso ao mercado externo tenha começado timidamente o ano, em fevereiro de 2022, as exportações catarinenses também ganharam força. De janeiro a junho, as exportações do estado totalizaram US\$1,15 milhão. Este valor representa 20,4% do total exportado no mesmo período de 2021. Isto porque, em 2021, a partir do mês de abril, Santa Catarina aumentou suas exportações, especialmente para Trinidad e Tobago, Peru e Estados Unidos. Nota-se, pela figura 4, que o estado tem aumentado a diversidade de produtos exportados no contexto do arroz. Até 2018, a composição das exportações desse segmento era caracterizada por forte participação do grão em casca e, nos últimos anos, tem ganhado mercado o arroz polido e parboilizado, de maior valor agregado e mais vantajoso para o estado. Em 2022, embora o resultado ainda seja parcial, os segmentos de arroz semibranqueado ou branqueado representam 64% do valor exportado. Observa-se, também, que a relação entre preço de exportação e preço interno aumentou em 2022 comparativamente à média de 2021, o que tem tornado o mercado externo atrativo ao produtor.

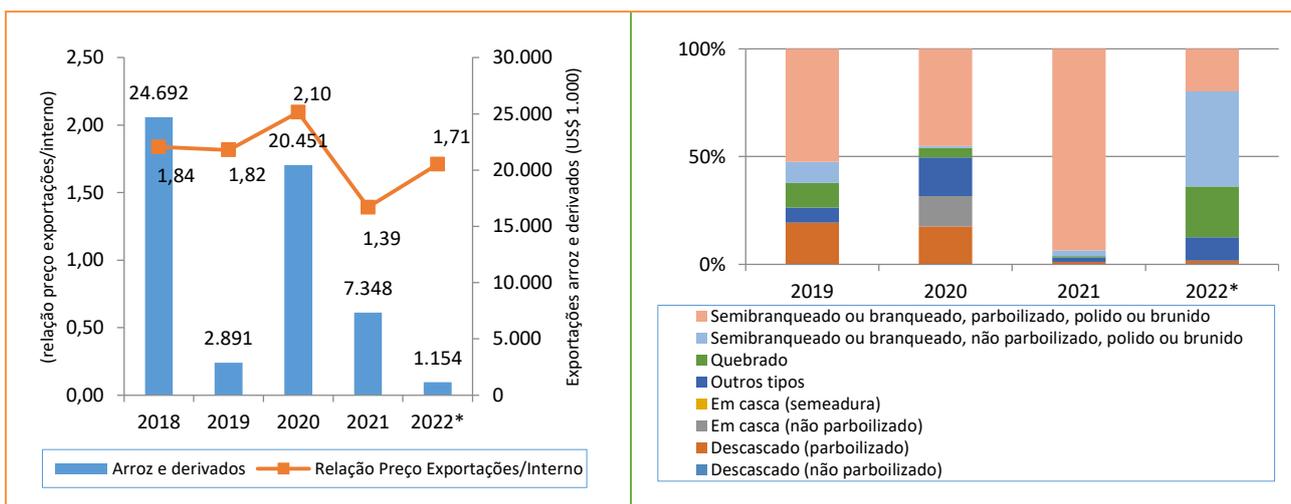


Figura 4 - Arroz e derivados/SC: exportações anuais e detalhamento de produtos, em US\$1.000

Nota: * Acumulado de janeiro a junho de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), jul. 2022.

Acompanhamento de safra

A colheita da safra catarinense teve início em janeiro, especialmente em regiões onde o plantio ocorre mais cedo, e está encerrada em todo o estado. De maneira geral, as lavouras apresentaram desenvolvimento dentro da normalidade, com boa sanidade e nenhum relato de problemas severos de pragas e/ou doenças. A maior parte da área semeada apresentou condição boa de lavoura (96,2%). A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada - em torno de 148 mil hectares - e produtividade de 8,48 toneladas por hectare, resultando em produção de 1,25 milhão de toneladas. Este resultado é 0,25% maior do que a quantidade obtida na safra anterior. Destacam-se, dentre os fatores que explicam esse bom desempenho, a condição climática, bem como o investimento, a tecnologia, a adubação e as sementes de alto potencial produtivo, resultado da capitalização obtida pelos produtores em razão dos altos preços observados nas duas últimas safras.

Tabela 1. Arroz irrigado/Santa Catarina – Comparativo das safras 2020/21 e 2021/22

Microrregião	Safrá 2020/21			Safrá 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	512.719	8.713	58.848	503.134	8.550	0,00	-1,87	-1,87
Blumenau	7.115	60.701	8.531	7.115	65.516	9.208	0,00	7,93	7,94
Criciúma	21.828	191.735	8.784	21.829	187.310	8.581	0,00	-2,31	-2,31
Florianópolis	1.895	11.333	5.980	1.895	11.908	6.284	0,00	5,07	5,08
Itajaí	9.461	74.895	7.916	9.461	83.079	8.781	0,00	10,93	10,93
Ituporanga	171	1.539	9.000	170	1.622	9.541	-0,58	5,39	6,01
Joinville	18.232	146.238	8.021	18.285	144.641	7.910	0,29	-1,09	-1,38
Rio do Sul	10.695	92.338	8.634	10.635	98.317	9.245	-0,56	6,48	7,08
Tabuleiro	132	877,8	6.650	132	1.179	8.932	0,00	34,31	34,32
Tijucas	2.164	15.780	7.292	2.164	15.985	7.387	0,00	1,30	1,30
Tubarão	17.738	140.697	7.932	17.023	139.311	8.184	-4,03	-0,99	3,18
Santa Catarina	148.279	1.248.853	8.422	147.557	1.252.002	8.485	-0,49	0,25	0,75

Fonte: Epagri/Cepa (SC), jul. 2022.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio do feijão-carioca, no mês de junho, recuou 7,27% em relação a maio, fechando a média mensal em R\$294,89/sc de 60kg. Para o feijão-preto, houve variação negativa de 8,77% no último mês, fechando a média mensal em R\$189,96/sc de 60kg. Na comparação com um ano atrás, pode-se verificar que, em termos nominais, os preços da saca do feijão-carioca está 24,23% acima daquele pago em maio de 2021, mas para o feijão-preto, em termos nominais, há um significativo recuo de 20,83%.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jun./22	Mai./22	Variação mensal (%)	Jun./21	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	294,89	318,00	-7,27	237,38	24,23
Paraná		341,22	364,18	-6,30	253,12	34,81
Mato Grosso do Sul		319,25	340,46	-6,23	274,13	16,46
Bahia		384,44	365,00	5,33	274,09	40,26
São Paulo		366,70	390,88	-6,19	283,25	29,46
Goiás		375,47	410,35	-8,50	268,23	39,98
Santa Catarina	Feijão-preto	189,96	208,23	-8,77	239,95	-20,83
Paraná		197,45	208,47	-5,29	239,88	-17,69
Rio Grande do Sul		212,41	224,08	-5,21	226,85	-6,37

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Seab/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), jun. 2022.

Em função da estiagem do início do ano, que provocou uma diminuição na oferta de produto, os preços tomaram uma trajetória ascendente (altista) no estado. Além da redução na produção, o produto ofertado para venda foi de baixa qualidade, seja pela redução da produção devido à estiagem, seja pela má qualidade dos grãos colhidos, em decorrência de curtos períodos de chuva coincidentes com a fase de colheita.

Entre os meses de março e abril de 2022, com o encerramento da colheita da maior parte da produção de feijão-preto, os preços do produto começaram a declinar. Para o feijão-carioca, inicia-se a colheita na região do Planalto Sul e Serrano, sendo disponibilizado ao mercado produto novo e de boa qualidade, com preços reagindo positivamente em todo o estado até o mês de maio. A partir de junho, restando pouca oferta de feijão-preto e de feijão-carioca de boa qualidade, os preços passaram a declinar.

Para os próximos meses, a expectativa é de que os preços se estabilizem, seguindo a tendência histórica do estado. De maio até o final de junho, quando se encerra a colheita da segunda safra, uma oferta maior será disponibilizada para venda no estado, reduzindo a expectativa por melhores preços. Além disso, segundo a Conab, o clima está favorecendo o desenvolvimento da segunda safra em praticamente todas as regiões produtoras do País, o que reforça o cenário de uma ampliação na oferta do produto.

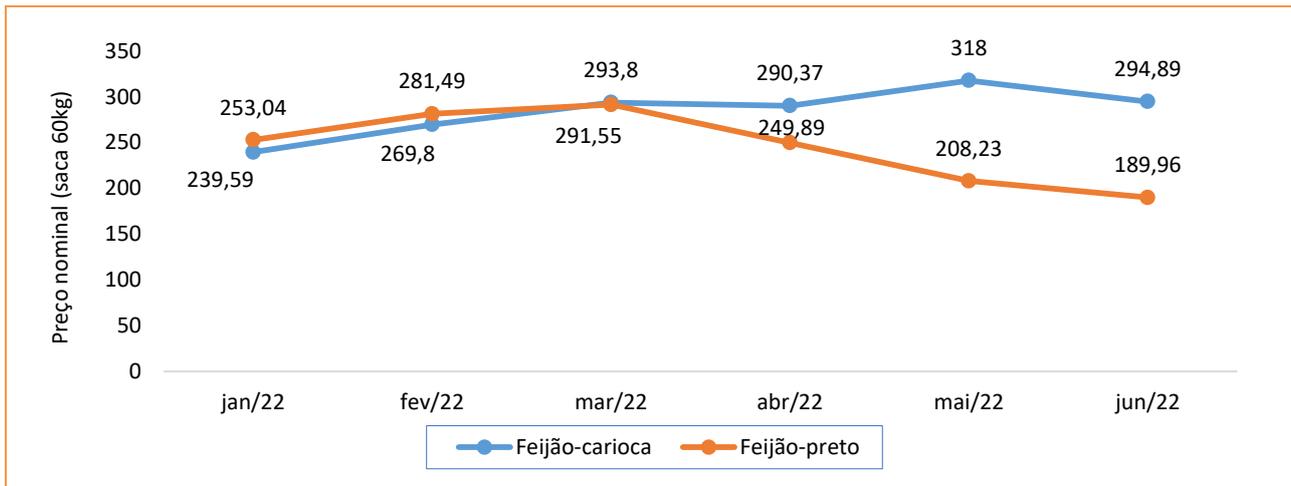


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nominal ao produtor

Fonte: Epagri/Cepa (SC), jun./2022.

Safra catarinense

Feijão 1ª safra

Estão consolidadas as estimativas para o feijão da 1ª safra, na qual se deverão colher 53,8 mil toneladas, volume que representa uma redução de 5% na produção em relação ao da safra anterior. Apesar do aumento de 8% na área plantada, a estiagem comprometeu o rendimento médio das lavouras, frustrando a boa expectativa do início da temporada. Assim, a produtividade média estadual estimada foi 5% menor do que a obtida anteriormente, chegando a 1.528 kg/ha.

Feijão 2ª safra

A safra de feijão da 2ª safra está tecnicamente encerrada. Na última semana de junho, todas as regiões produtoras do estado concluíram as operações de colheita. Nesta safra, foi registrado um incremento de 22% na área plantada. Depois de um longo período de estiagem, as condições climáticas favoreceram o desenvolvimento das lavouras do feijão da 2ª safra. Como resultado, tivemos um incremento de 43% na produtividade. Com aumento de área e crescimento em produtividade, nossas estimativas apontam para um aumento de 75%, em comparação com a safra anterior.

Tabela 2. Feijão total – Comparativo de safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

Santa Catarina	Safra 2020/21			Estimativa Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Feijão 1ª safra	33.107	56.507	1.707	35.726	53.838	1.507	8	-5	-12
Feijão 2ª safra	26.281	29.987	1.141	32.100	52.479	1.635	22	75	43

Fonte: Epagri/Cepa (SC), jun. 2022.

Feijão total

Em relação ao feijão total (soma do feijão da 1ª safra com o da 2ª) para a temporada 2021/22, nossas estimativas eram de o cultivo atingir aproximadamente 67 mil hectares, ou seja, um possível aumento de 12% em relação à safra anterior. A produtividade média também deverá crescer, ficando em 1.589 kg/ha, um aumento de 9% em relação à do ano anterior. Mesmo com um ano agrícola muito prejudicado por condições climáticas extremas, o aumento na produção total deverá ficar em torno de 22%.

Tabela 3. Feijão total – Comparativo de safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa – safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	655	413	631	662	391	590	1	-5	-6
Campos de Lages	6.500	12.772	1.965	7.940	11.846	1.492	22	-7	-24
Canoinhas	11.030	11.832	1.073	14.210	22.816	1.606	29	93	50
Chapecó	4.646	6.387	1.375	6.767	11.095	1.640	46	74	19
Concórdia	385	207,9	540	289	101,024	350	-25	-51	-35
Criciúma	1.692	1.489	880	1.678	1.419	846	-1	-5	-4
Curitibanos	4.310	10.146	2.354	4.040	6.075	1.504	-6	-40	-36
Florianópolis	15	15	1.000	-	-	-	-	-	-
Ituporanga	2.000	2.881	1.441	2.512	4.279	1.703	26	49	18
Joaçaba	2885	5113,44	1.772	2807	2995,62	1.067	-3	-41	-40
Rio do Sul	1.026	1.416	1.380	1.638	2.336	1.426	60	65	3
São Bento do Sul	750	753	1.004	820	1.282	1.563	9	70	56
São M. do Oeste	2.456	2.671	1.088	2.859	4.137	1.447	16	55	33
Tabuleiro	371	370	997	-	-	-	-	-	-
Tijucas	180	219	1.217	-	-	-	-	-	-
Tubarão	1.948	1.728	887	1.783	1.401	786	-8	-19	-11
Xanxerê	18.539	28.082	1.515	19.821	36.143	1.823	7	29	20
Total geral	59.388	86.495	1.456	67.826	106.317	1.567	14	23	8

Fonte: Epagri/Cepa (SC), jun. 2022.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços ao produtor, pela média mensal de junho, recuaram 6,24% em 30 dias e 14,48% em 12 meses no estado (Figuras 1 e 2). Os preços recuaram de R\$99,07/sc em fevereiro, para R\$84,41/sc em junho, uma retração próxima de 15% no período. O principal fundamento que está orientando os preços internos é a expectativa de uma boa segunda safra nacional. Nos últimos dois meses, os preços vieram sendo pressionados por uma maior oferta no mercado interno. Outros fatores a influir na conjuntura atual são o câmbio, as repercussões Rússia x Ucrânia e o desenvolvimento da safra norte-americana.

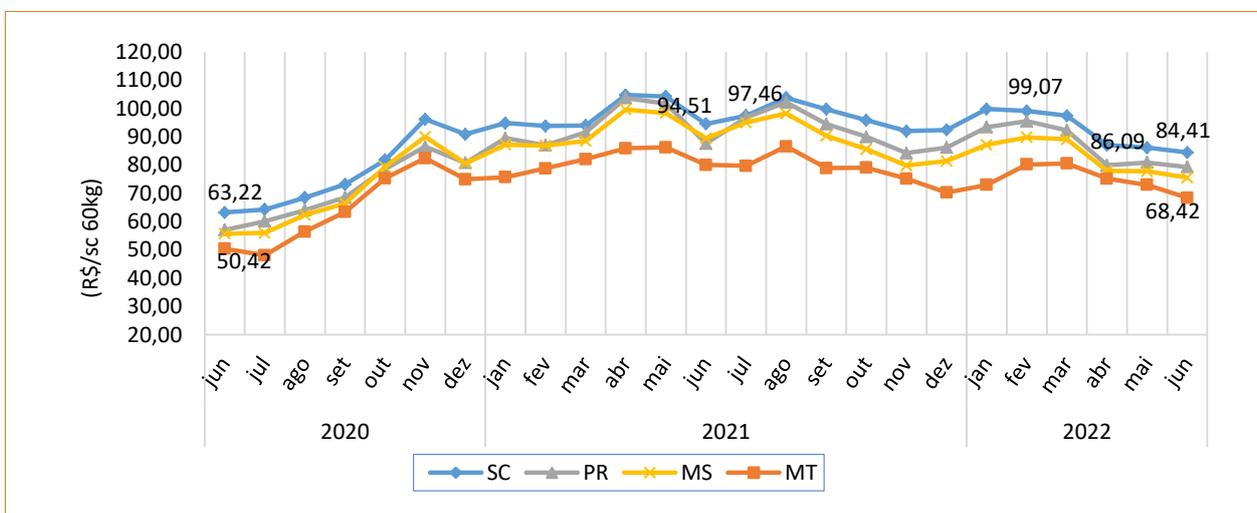
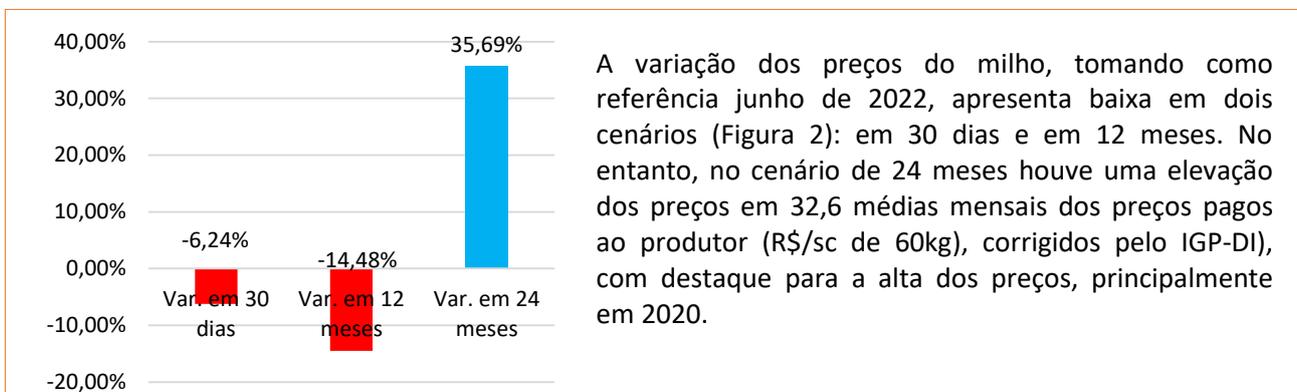


Figura 1. Milho/SC – Preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60kg) – junho de 2020 a junho de 2022 (valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa. Deral-PR e Agrolink.

Variação temporal dos preços



A variação dos preços do milho, tomando como referência junho de 2022, apresenta baixa em dois cenários (Figura 2): em 30 dias e em 12 meses. No entanto, no cenário de 24 meses houve uma elevação dos preços em 32,6 médias mensais dos preços pagos ao produtor (R\$/sc de 60kg), corrigidos pelo IGP-DI), com destaque para a alta dos preços, principalmente em 2020.

Figura 2. Milho/SC – Variação dos preços em 30 dias, 12 meses e 24 meses (Preço médio mensal ao produtor, corrigido pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa.

Varição anual dos preços em relação à média em nove anos

Em nove anos de registro dos preços, a média geral foi de R\$63,61/sc. Em 2017, ano de safra recorde, foi o menor valor; em 2021, o maior, quando houve forte redução da produção em todo o Sul do Brasil, em função da prolongada estiagem. No primeiro semestre de 2022, a cotação média está em R\$92,29/sc (Figura 3). Apesar do recuo deste valor nos últimos três meses, ainda permanece acima da média da série avaliada. O ponto de equilíbrio para os produtores de grãos, as agroindústrias e os consumidores está sendo testado ao longo do ano.

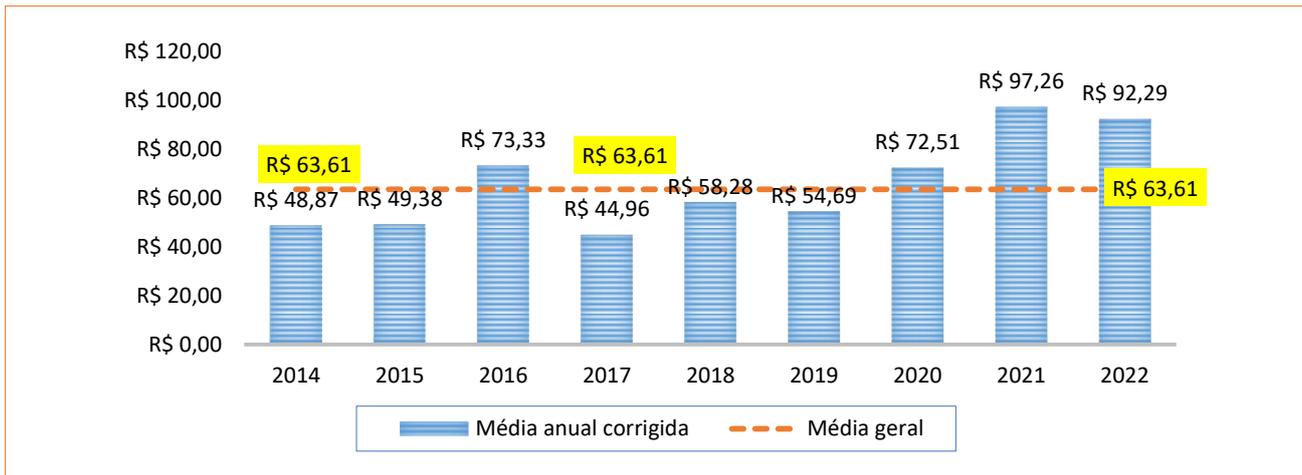


Figura 3. Milho/SC – Variação dos preços médios ao produtor em nove anos

Fonte: Epagri/Cepa.

Varição diária dos preços

Desde início de março, quando alcançaram um valor próximo de R\$100,00/sc, os preços apresentaram forte queda com a expectativa de uma boa segunda safra nacional (Figura 4), que deverá compensar as perdas da produção na primeira safra no Sul do Brasil. Nos últimos dois meses, as cotações têm mostrado pouca oscilação. Com o avanço da colheita da segunda safra, os preços poderão continuar pressionados pela maior oferta interna do cereal. A evolução das exportações pelo Brasil deve conferir bons indicativos dos preços futuros.

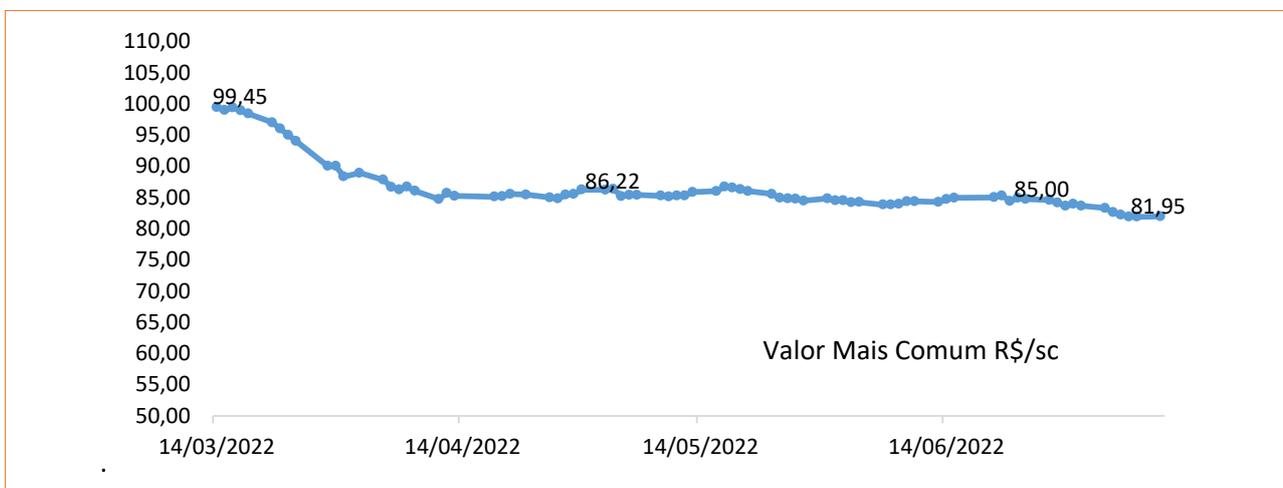


Figura 4. Milho/SC – Preço diário pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg – mar./mai. 2022)

Fonte: Epagri/Cepa.

Safra estadual 2021/22

Os números da safra 2021/2022 estão consolidados. A estiagem afetou significativamente a produção da safra de verão 2021/22 na maioria das regiões do estado (SC). A redução da produção estadual foi de 30,1% em relação em relação ao prognóstico inicial, o que representa cerca de 900 mil toneladas (Tabela 1). As informações são referentes à primeira e à segunda safra em Santa Catarina. Algumas regiões - São Miguel do Oeste, Chapecó e Joaçaba - apresentaram redução da produção - cerca de 40% em relação à estimativa inicial.

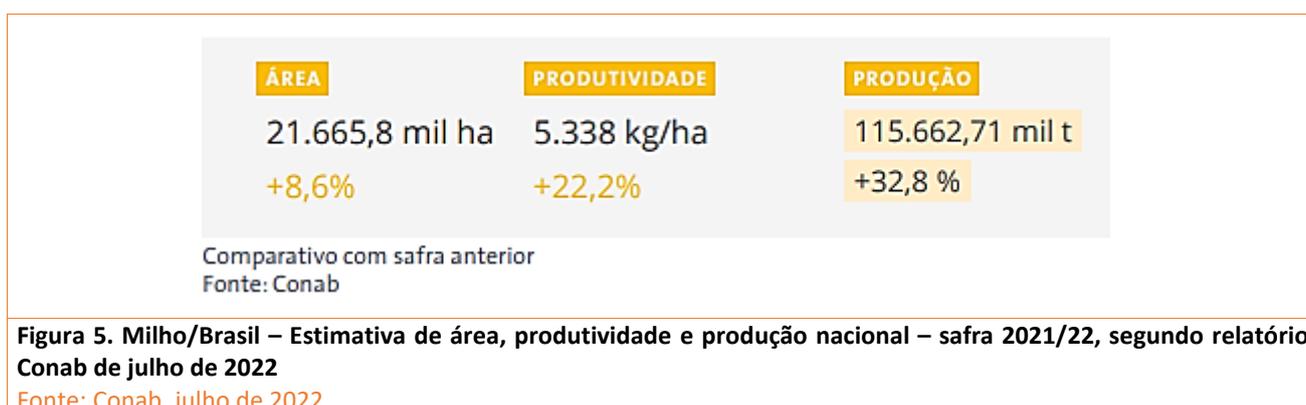
Tabela 1. Milho/SC – Estimativa inicial e final da área, produção e produção por microrregiões e total do estado

MRG	Estimativa inicial – safra 2021/22			Estimativa final – safra 2021/22		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)
Araranguá	8.175	6.571	53.717	8.175	6.970	56.976
Blumenau	1.993	4.901	9.767	1.993	4.901	9.767
Campos de Lages	33.820	6.370	215.450	36.010	4.735	170.516
Canoinhas	33.850	9.491	321.270	36.200	7.527	272.495
Chapecó	50.053	8.508	425.864	49.416	5.912	292.127
Concórdia	25.750	6.826	175.773	25.750	4.958	127.667
Criciúma	7.474	6.686	49.973	7.474	7.219	53.958
Curitibanos	26.530	10.485	278.178	26.730	5.384	143.902
Ituporanga	10.170	7.732	78.636	10.380	5.818	60.393
Joaçaba	62.010	8.230	510.335	63.640	4.887	310.993
Joinville	417	5.863	2.445	417	5.863	2.445
Rio do Sul	19.030	7.105	135.216	19.320	5.628	108.723
São Bento do Sul	3.800	8.711	33.100	3.800	7.368	28.000
São M. do Oeste	31.720	7.981	253.170	32.740	4.362	142.796
Tabuleiro	2.250	6.460	14.535	2.250	6.460	14.535
Tijucas	750	3.900	2.925	750	3.900	2.925
Tubarão	5.213	6.225	32.451	5.213	7.092	36.969
Xanxerê	32.403	9.438	305.825	28.973	6.492	188.097
Total geral	355.408	8.156	2.898.630	359.231	5.632	2.023.285

Fonte: Epagri/Cepa.

Safra Nacional

A estimativa atualizada da produção da safra de 2021/22 em julho, pela Conab, está em 115,66 milhões de toneladas - aumento de 32,8% sobre a safra anterior. Esta produção regulariza o suprimento interno em 2022 (Figura 5).



Suprimento

O consumo nacional de milho cresceu de forma expressiva nos últimos anos, saltando de 5,7 milhões de toneladas no ano agrícola de 2016/17, para 77,19 milhões de toneladas em 2021/22, o que representou um crescimento médio anual superior a 5% no período. Destaque para a expectativa da retomada do estoque final em 2021/22, de 10,46 milhões de toneladas; mesmo assim, ainda bem abaixo dos 17,25 milhões de toneladas de 2016/17.

Tabela 2. Milho/Brasil – Oferta e suprimento de milho nacional 2022, segundo relatório Conab de julho de 2022 – Adaptação e análise Epagri/Cepa

	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2016/17	6.617	97.843	954	105.414	57.331	30.837	17.246
2017/18	17.866	80.786	902	99.203	60.052	23.000	15.605
2018/19	15.605	100.046	1.000	116.651	63.915	39.000	13.836
2019/20	10.190	102.586	1.453	114.229	68.662	34.893	10.674
2020/21	10.673	87.096	3.090	100.861	72.263	20.816	7.782
2021/22-Jul	7.783	115.663	1.700	125.144	77.187	37.500	10.457

Fonte: Conab, março de 2022.

Exportações pelo Brasil

As exportações de milho pelo Brasil apresentaram o maior volume em 2019, com 42,9 milhões de toneladas (MT) na série avaliada (Figura 6). Desde então, apresentaram forte redução. Nas safras de 2020 e 2021, as condições climáticas afetaram a produção, gerando menor disponibilidade de exportáveis. Em 2022, as exportações até o primeiro semestre foram as maiores dos últimos três anos. Nas duas primeiras semanas de julho, as exportações somaram 619 mil toneladas, 9,8% superior ao mesmo período do ano anterior. Indicando um forte aumento nas exportações em julho¹. A expectativa é que o total do ano alcance cerca de 35 MT. Este é o fator relevante nas cotações futuras do cereal.

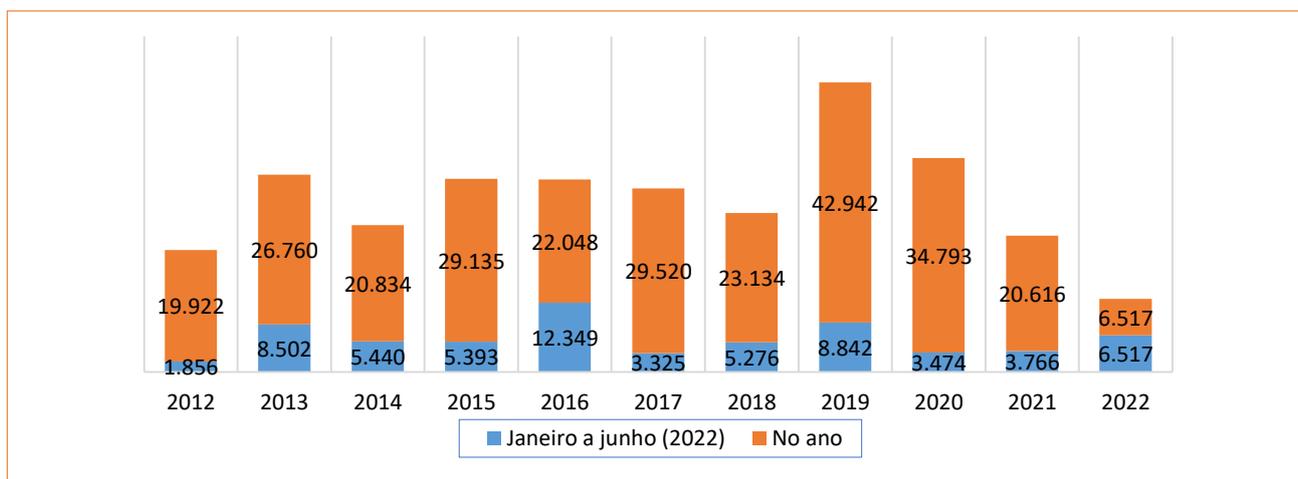


Figura 6. Milho/Brasil – Evolução das exportações de milho pelo Brasil – 2012-22 (exportações no ano e de janeiro a junho de cada ano)

Fonte: ME. Secex, 2022. Elaboração Epagri/Cepa.

¹ ME, Secex.: <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas>. Consulta em 18.07.2022.

Importações pelo Brasil

Em 2021, as importações de milho pelo Brasil alcançaram maior quantidade desde 2010, ultrapassando os volumes de 2016 (Figura 7). As safras dos últimos dois anos tiveram redução da produção devido a fatores climáticos. No primeiro semestre de 2022, as importações já ultrapassam as 700 mil toneladas 120 mil das quais foram adquiridas para suprimento do estado. Do Paraguai é que vem a totalidade do produto. Esse é o país que na atual safra teve a produção recorde, cerca de 6 milhões de toneladas (Usda, 2022). Os preços do cereal são os mais atrativos para as agroindústrias, em especial do oeste catarinense, mesmo com os elevados custos do transporte rodoviário.

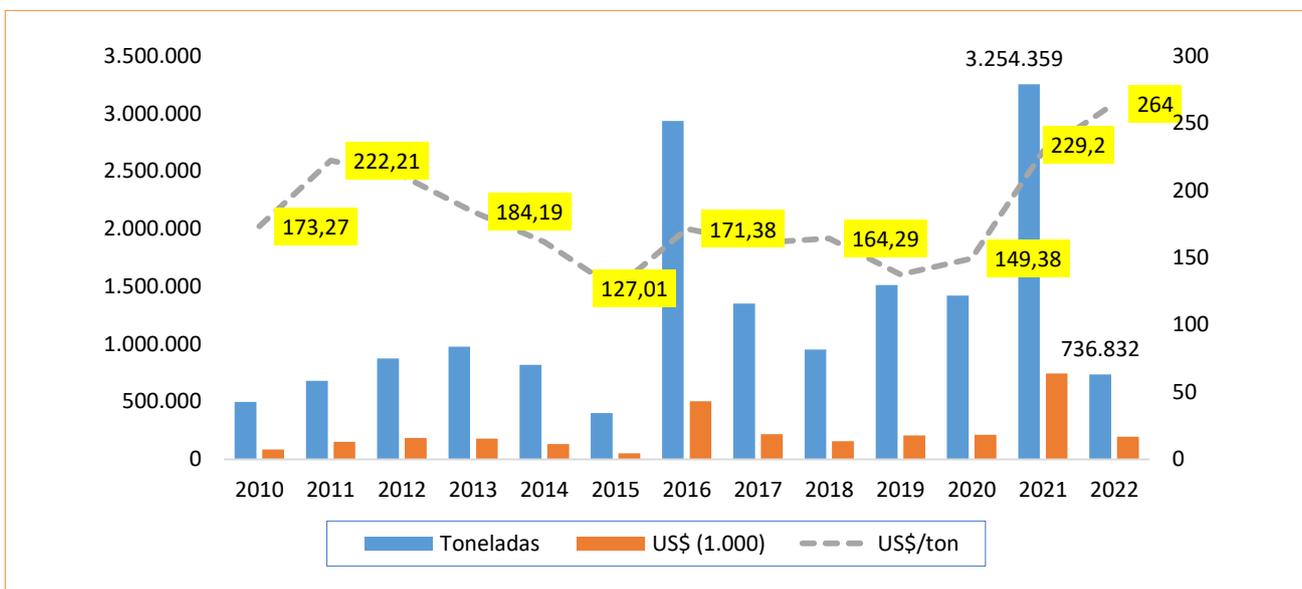


Figura 7. Milho – Evolução das importações de milho pelo Brasil, de 2010 a 2022. Em 2022, acumulado até junho. Em toneladas e valor FOB US\$ (1.000)

Fonte: ME, Secex. Elaboração Epagri/Cepa.

Mudanças no cenário de oferta

Desde o relatório de junho, as ofertas dos principais exportadores diminuíram. Nos Estados Unidos, o relatório Usda de 30 jun./22 mostrou área plantada de milho ligeiramente superior à das intenções relatadas em março de 2022. Em conjunto com a demanda fraca, as cotações dos EUA caíram US\$20/t, situando-se agora em US\$318. As ofertas/cotações argentinas caíram de US\$34/t para US\$273 e as brasileiras caíram acentuadamente em US\$48/t para US\$283/t.

As ofertas abundantes da segunda safra do Brasil começaram a chegar ao mercado. As propostas de exportação ucranianas permanecem indefinidas. O relatório do Usda2 também apresenta uma leve redução no consumo e no aumento - de dois milhões de toneladas nos estoques mundiais finais, fatores que pressionam os preços internacionais no mês de junho e início de julho 2022.

² Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 29 July 2022. Consulta em 15 de julho, 2022.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços mensais

Após níveis recordes de preço, acima de R\$200,00/sc no início de março, as cotações recuaram até atingir a mínima de R\$172,00/sc no início de abril (Figura 1). Na Bolsa de Chicago, a soja teve recuo nos últimos 30 dias (de 15 junho a 15 julho/2022), passando do patamar de US\$17,00/bushel a 13,00/bushel.³ A menor demanda chinesa, com risco de recessão mundial, a estimativa de aumento da área cultivada nesta safra nos EUA e a saída dos fundos de investimento para outras aplicações financeiras foram determinantes para o recuo das cotações desde junho, o que influi diretamente nos preços no Brasil.

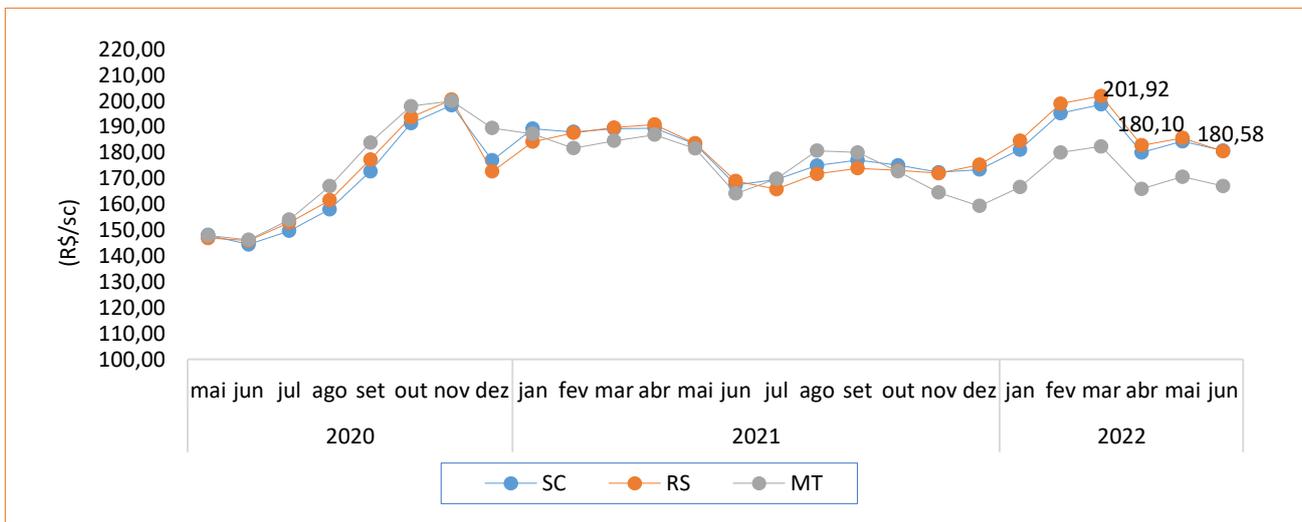


Figura 1. Soja em grão – Preços mensais recebidos pelo produtor – levantados pela Epagri/Cepa e média estadual de 2020 a 2022 (preço mais comum, corrigido pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri /Cepa.

Preços diários e tendências do mercado

Os preços diários levantados pela Epagri/Cepa (Figura 2), mostram o recuo significativo desde março com oscilações entre R\$175,00/sc e R\$190,00/sc, a relação cambial evitou o recuo maior nos preços no mercado. O ritmo das exportações no segundo semestre pode alterar este cenário.

³ <https://br.investing.com/commodities>. Acesso em: 18 jul. 2022.

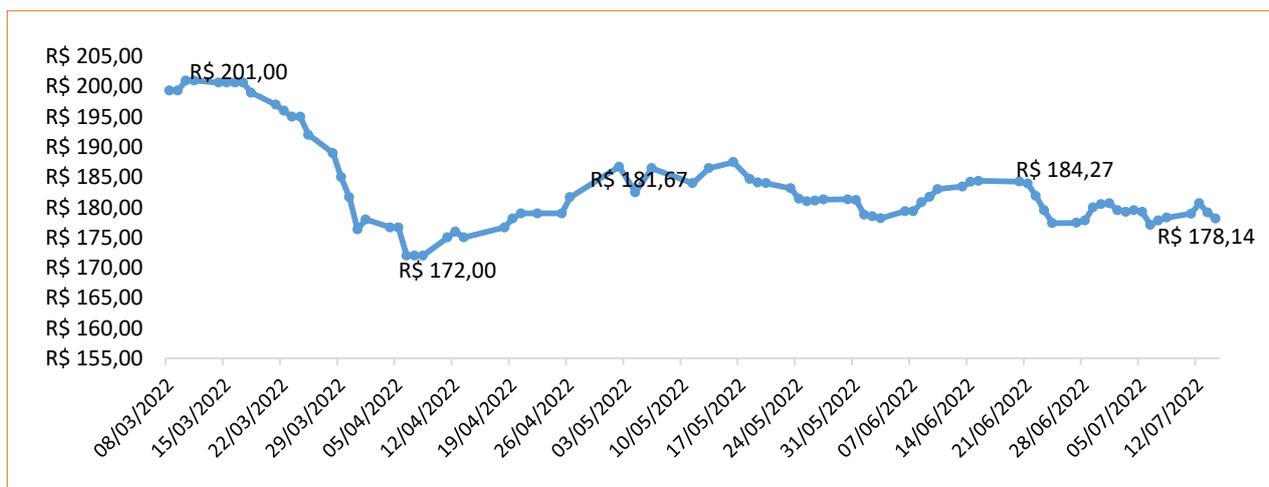


Figura 2. Soja em grão – Preços diários recebidos pelo produtor – levantados pela Epagri/Cepa na praça de Chapecó - mar./ mai. 2022 (preço mais comum)

Fonte: Epagri /Cepa.

Safra estadual de verão

Os números da safra catarinense estão consolidados neste relatório. O prognóstico inicial da produção de soja no estado na safra 2021/22 foi de 2,71 milhões de toneladas (set. 2021), considerando a primeira e a segunda safra. A estiagem, em dezembro e janeiro, no entanto, impactou o prognóstico inicial da produção (Tabela 1). A atualização da estimativa em julho de 2022 (estimativa final de safra) foi reduzida para 2,01 milhões de toneladas, o que representa um significativo recuo de 20,14% em relação à expectativa inicial da produção.

Tabela 1. Soja/Santa Catarina – Estimativa inicial e final da safra 2021/22 – área, produção e produtividade média regional e estadual

MRG	Estimativa inicial – safra 2021/22			Estimativa final – safra 2021/22		
	Área plant. (ha)	Prod méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)
Araranguá	1.125	3.369	3.791	1.125	3.184	3.582
Campos de Lages	67.930	3.367	228.704	72.590	2.635	191.240
Canoinhas	152.001	3.703	562.816	157.201	3.445	541.480
Chapecó	111.390	3.253	362.404	117.120	2.332	273.181
Concórdia	8.595	3.631	31.208	8.595	2.733	23.492
Criciúma	5.780	3.445	19.911	5.780	3.259	18.840
Curitibanos	113.495	4.150	470.988	116.695	2.984	348.239
Ituporanga	8.780	3.672	32.244	9.130	2.496	22.791
Joaçaba	56.132	3.748	210.364	56.982	2.972	169.346
Rio do Sul	5.970	3.470	20.718	6.560	2.654	17.412
São Bento do Sul	12.550	3.398	42.640	12.750	3.262	41.595
São Miguel do Oeste	43.968	3.567	156.846	45.640	1.751	79.910
Tubarão	1.830	3.342	6.116	1.830	3.118	5.705
Xanxerê	155.543	3.619	562.833	155.010	2.764	428.455
Total geral	745.089	3.639	2.711.582	767.008	2.823	2.165.268

Fonte: Epagri /Cepa.

Safra nacional⁴

A safra brasileira de soja, segundo a Conab (boletim de julho), estima, para a temporada 2021/22, um crescimento de 4,1% em comparação à área da safra anterior, atingindo 40,95 milhões de hectares. No entanto, a expectativa da produção é de redução de 10,2%. No relatório de julho, a produção é de 123,04 milhões de toneladas (Figura 3). Os problemas climáticos no Sul do Brasil impactaram a produção nacional, com desdobramentos no mercado interno e internacional.



Figura 3. Soja/Brasil – Estimativas da produção mensal na safra de 2021/22 – área, produtividade e produção nacional

Fonte: Conab, relatório julho, 2022.

Suprimento

O suprimento considera a soma da produção do ano - estoque inicial e importações -, que alcançou 131.12 milhões de toneladas. Por outro lado, a demanda considera o consumo interno e as exportações, somando 126,47 milhões de toneladas, o que leva a um estoque de passagem de cerca de 4,6 milhões de toneladas, cerca de 25% inferior ao da safra passada.⁵



Figura 4. Soja/Brasil – Estimativa de suprimento, produção, estoque inicial, importações, consumo interno e exportações – 2021/22

Fonte: Conab, boletim de julho 2022.

Exportações por Santa Catarina

No acumulado de janeiro a junho de 2022, as exportações do complexo soja por Santa Catarina apresentaram, quando comparadas às dos mesmos períodos, os menores volumes na série avaliada (Figura 5). A redução na atual safra (2021/22) afetou diretamente o volume das exportações. Além disto, os produtores retêm uma parte da produção, aguardando cotações semelhantes às do início de março, quando se registraram valores acima de R\$200,00/sc. O aumento do processamento do grão no estado é um fator relevante para esta análise.

⁴ Acomp. safra brasileira de grãos, Brasília, v. 9 – Safra 2021/22, n. 8 - Oitavo levantamento, p. 1-100, mai. 2022.

⁵ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v. 9 – safra 2021/22, nº 10 – Décimo levantamento | jul. 2022.

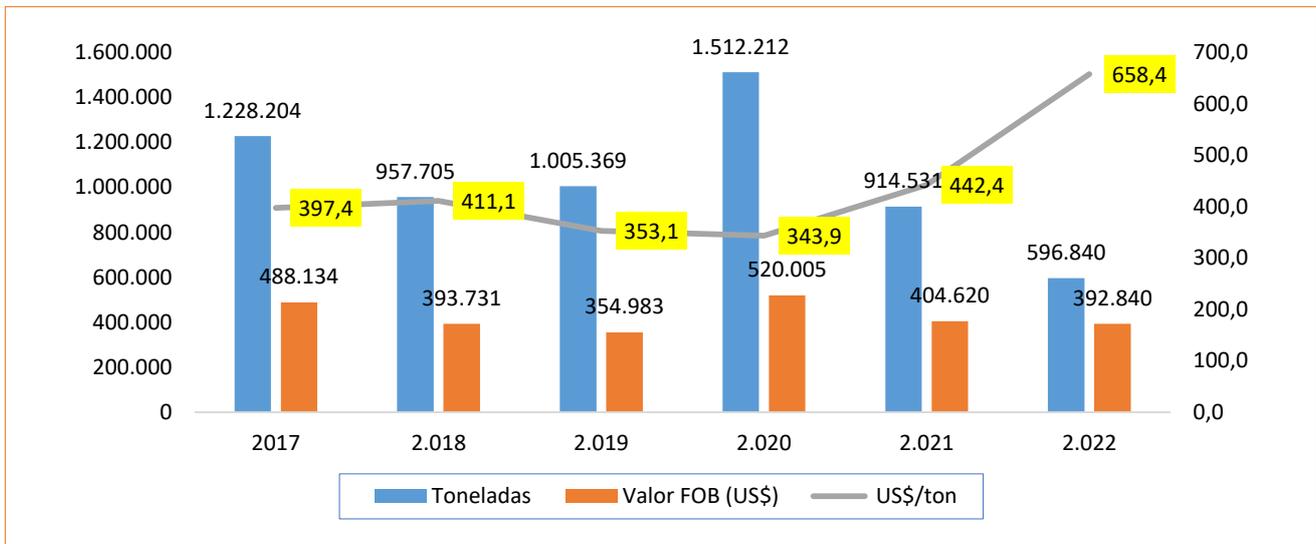


Figura 5. Soja/Santa Catarina – Evolução das exportações do complexo soja – acumulado de janeiro a junho, de 2018 a 2022

Fonte: ME, Secex, jul. 2022. Elaboração Epagri/Cepa.

Exportações pelo Brasil

As exportações de soja pelo Brasil no primeiro semestre de 2022 estão abaixo das dos dois últimos anos no mesmo período (Figura 6). Os produtores estão atrasando as vendas e há uma menor demanda da China, o maior destino das exportações da oleaginosa brasileira. No entanto, as exportações, até a segunda semana de julho, foram superiores em 20,3% às do mesmo período de 2021, indicando uma elevação em julho em relação às da safra anterior⁶.

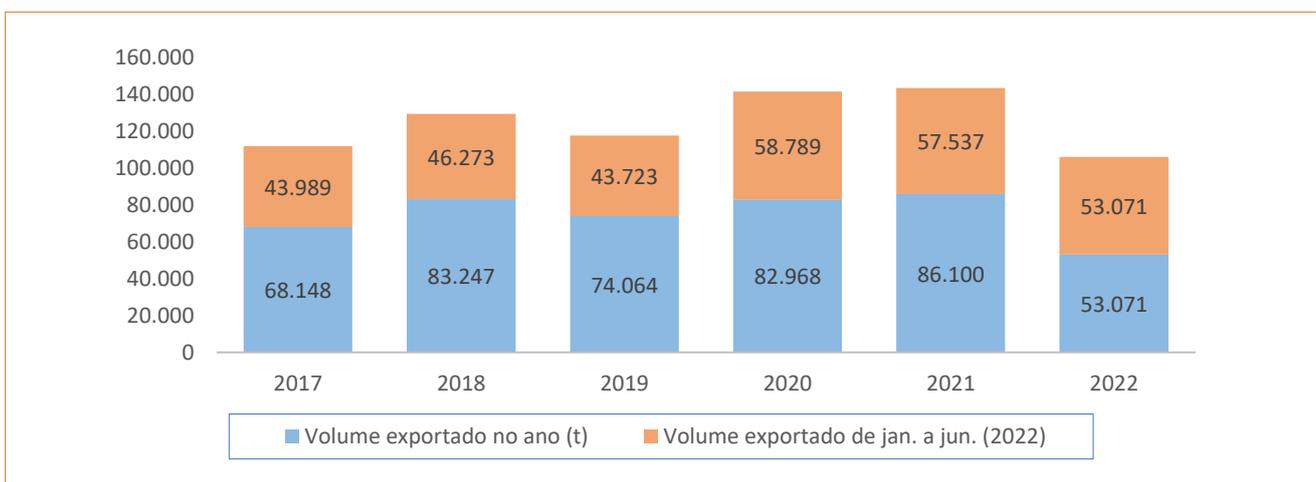


Figura 6. Soja/Brasil – Evolução das exportações de soja grão – volume exportado no ano acumulado de janeiro a junho, de 2011 a 2022

Fonte: ME, Secex, mai. 2022.

⁶ ME, Secex: <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas>, consulta em 18.07.2022.

Safra e mercado mundial:

As importações e o consumo de oleaginosas e óleos vegetais da China ficaram aquém das expectativas nos últimos meses; por esse motivo, as importações de soja 2021/22 devem alcançar 90,0 milhões de toneladas (MT), o que representa uma redução de 2,0 MT em relação à estimativa anterior. Até agora, as importações de soja de outubro a mai. 2022 somaram quase 61,0 milhões de toneladas, 5% a menos em relação ao mesmo período de um ano atrás. Além disso, os dados comerciais dos principais exportadores indicam um declínio, nas chegadas de outubro a julho, para quase 76,0 milhões de toneladas, 9% a menos que no último ano. Da mesma forma, as importações de soja 2022/23 foram reduzidas, até o momento, para 98,0 milhões em compras prevendo-se uma pequena recuperação da demanda por farinhas proteicas e óleos vegetais.

Cenário em 2021/227

A estimativa da produção global de oleaginosas em 2021/22 aumentou ligeiramente, alcançando cerca de 600 milhões de toneladas. O comércio de oleaginosas está praticamente inalterado, uma vez que as menores exportações de soja da América do Sul são compensadas principalmente pelo aumento do comércio de girassol e colza. O esmagamento, no geral, é pouco alterado. O menor processamento de soja na China é compensado principalmente pelo maior esmagamento de soja da América do Sul e da colza da China. Os estoques finais estão em alta mais de 2% no maior transporte de soja da América do Sul e de colza da UE. A produção global de farinha de proteína é, no geral, pouco alterada, em linha com as mudanças compensatórias para o esmagamento. O comércio global de farelo aumentou marginalmente devido ao aumento das exportações de girassol da Rússia. O consumo de rações caiu ligeiramente, liderado pelo menor consumo de farelo de soja na China. A produção de óleo vegetal global caiu ligeiramente em função da menor produção de óleo de palma da Malásia. O comércio global de óleos vegetais não teve alterações em jun. 2022.

⁷ Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA, 5 July 2022. Consulta em 15 de julho de 2022.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de junho, as cotações do trigo no mercado catarinense tiveram variação positiva de 5,89%, fechando em R\$104,64/sc de 60 kg. Na comparação anual, observa-se, em termos nominais, que os preços cobrados em junho deste ano estão 27% acima daqueles registrados em junho de 2021. Mesmo com a desvalorização do trigo no mercado internacional acima de 11% no mês de junho em relação maio, os preços pagos ao produtor pela saca de 60Kg de trigo continuam firmes no mercado interno. Os fatores fundamentais que sustentam a alta nas cotações de trigo são a baixa disponibilidade de produto para venda no mercado interno e a valorização do dólar frente ao real.

O preço no mercado paranaense, para o trigo disponível no mês de junho, apresentou alta de 9,14% em relação a maio e de 36,20% em relação a junho de 2021. No estado gaúcho, verificou-se alta de 5,96% no mês de junho e de 38,29% em um ano. No mercado catarinense, adentramos o mês de julho com o preço médio pago ao produtor em R\$107,15/sc de 60kg, alta de 2,4% em relação ao preço médio do mês anterior (tabela 1).

Tabela 1. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/sc de 60kg					
Estado	Jun. 22	Mai. 22	Variação mensal (%)	Jun. 21	Variação anual (%)
Santa Catarina	104,64	98,82	5,89	82,55	26,76
Paraná	107,61	98,60	9,14	79,01	36,20
Mato Grosso do Sul	105,36	97,11	8,50	80,91	30,22
Goiás	122,73	118,00	4,01	93,63	31,08
Rio Grande do Sul	111,63	105,35	5,96	80,72	38,29

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Deral/Seab (PR), Conab (MS, GO e RS) - Jul. 2022.

No mercado internacional, o cenário em relação à oferta e à demanda do cereal continua incerto. Segundo dados do Cepea/Esalq, o avanço da colheita de trigo estadunidense e a expectativa de safra volumosa na Rússia, com possibilidade de exportação recorde, fizeram os preços internacionais recuarem, uma vez que tal possibilidade reduz as preocupações com a oferta mundial do cereal.

Por outro lado, permanece o cenário de temperaturas elevadas e de falta de chuvas no Hemisfério Norte. Esses eventos climáticos têm preocupado pela possibilidade real de perdas agrícolas. A esse cenário de menor produção de trigo somam-se informações de que a Índia anunciou a proibição das exportações de farinha, medida que pode ser encarada como uma intervenção governamental para garantir o abastecimento interno do produto.

No Brasil, com os preços das *commodities* em alta, boa parte da produção nacional tem sido exportada. Em função da maior exportação, há redução da disponibilidade de trigo nacional no mercado interno, provocando a necessidade de se importar mais trigo, com destaque para o trigo argentino. Até junho de 2022, já foram internacionalmente comercializados aproximadamente 2,5 milhões de toneladas, contra 1,1 milhão de toneladas durante todo ano de 2021, ou seja, nos seis primeiros meses de 2022 as exportações já superaram em 127% todas as exportações de 2021 (Figura 1).

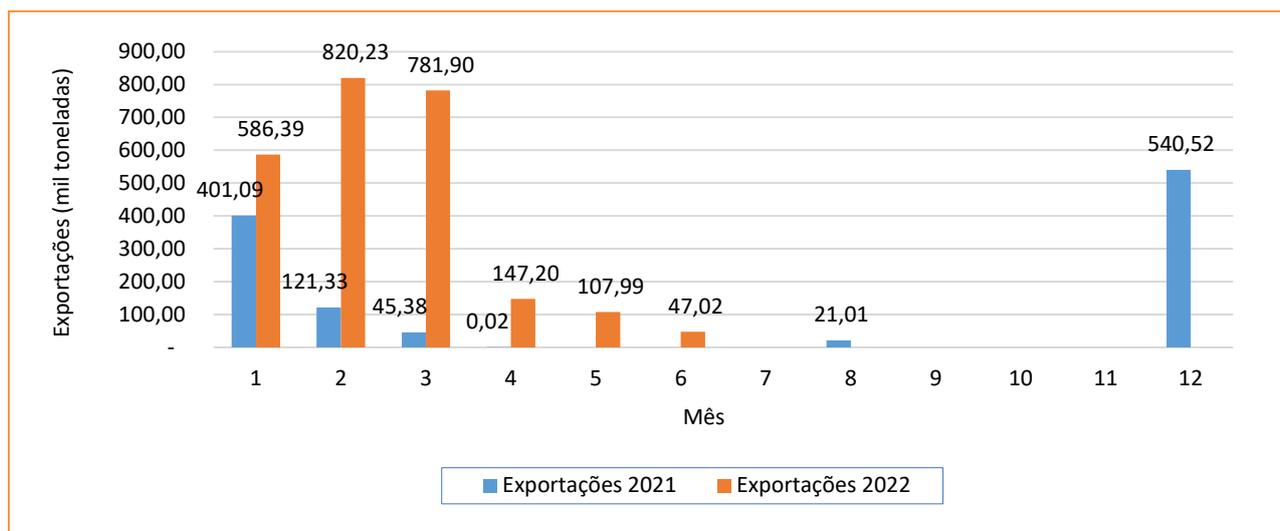


Figura 1. Trigo – BR: evolução das exportações de trigo – jan. 2021/jun. 2022

Nota: Extraído em 11/07/2022.

Fonte: Comex/Stat ME, 2022.

Safra Catarinense

Nas últimas semanas de junho, as condições climáticas contribuíram para a evolução das operações de plantio, o que permitiu aos produtores colocar em dia seus cronogramas de semeadura do trigo, atrasados em função das condições adversas provocadas pelo excesso de chuvas entre o final de maio e o início de junho, que não permitiam o término do preparo das áreas de cultivo para a semeadura. No campo, cerca de 64% da área estadual destinada ao plantio do cereal já foi semeada. Em relação às condições das lavouras, os relatos são de condições muito boas para o desenvolvimento das plantas, que se encontram, em grande parte, em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2021/22 e estimativa inicial da safra 2022/23

Microrregião	Safra 2021/22			Estimativa Safra 2022/23			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	3.465	14.313	4.131	7.215	29.123	4.036	108	103	-2
Canoinhas	22.700	73.740	3.248	25.800	92.464	3.584	14	25	10
Chapecó	24.520	74.847	3.052	25.085	76.646	3.055	2	2	0
Concórdia	1.810	6.540	3.613	3.395	12.873	3.792	88	97	5
Curitibanos	14.320	63.892	4.462	23.781	98.556	4.144	66	54	-7
Ituporanga	1.940	4.488	2.313	3.410	8.649	2.536	76	93	10
Joaçaba	6.116	22.675	3.707	9.580	34.950	3.648	57	54	-2
Rio do Sul	1.060	2.430	2.292	1.990	4.811	2.418	88	98	5
São Bento do Sul	1.150	3.710	3.226	1.350	4.520	3.348	17	22	4
São M. do Oeste	8.260	24.859	3.010	7.930	22.480	2.835	-4	-10	-6
Xanxerê	17.450	56.300	3.226	18.300	59.770	3.266	5	6	1
Santa Catarina	102.791	347.794	3.383	127.836	444.842	3.480	24	28	3

Fonte: Epagri/Cepa - jul. 2022.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

O desempenho produtivo da cultura do alho no Brasil nos últimos anos indica claramente que o País pode alcançar a autossuficiência na produção da hortaliça nos próximos anos. Assim, é possível suplantando as dificuldades que a cadeia produtiva enfrentou desde a abertura da economia, em meados dos anos 1990, quando a concorrência direta com o produto importado de países como a Argentina, a China e a Espanha impôs perdas importantes à cadeia produtiva.

Por outro lado, após importantes posições conquistadas pela produção nacional, seja pelo desempenho técnico-produtivo, seja pela qualidade do produto brasileiro, a cadeia produtiva foi surpreendida com a proposta do governo federal de retirar o alho da lista de Exceção da Tarifa Externa Comum do Mercosul (Letec). Segundo a Associação Nacional dos Produtores de Alho (Anapa), a proposta do governo é reduzir o imposto de 35% para 14%. A associação afirma que essa medida pode afetar gravemente a viabilidade econômica da atividade no País.

Neste sentido, os impactos sobre a produção de alho em Santa Catarina poderão ser mais negativos do que nas regiões do Centro do País, pelo fato de que em nosso estado a produção é realizada por agricultores familiares pequenos, que seguramente deverão ter maiores dificuldades para enfrentar tal situação.

Preço

A safra catarinense de alho 2021/22 está com sua comercialização praticamente finalizada. O preço ao produtor no mês de junho, na praça de Joaçaba, para o alho classe 5, foi de R\$10,18/kg, aumento de 27,89% em relação ao mês de maio, de acordo com o acompanhamento de preços da Epagri/Cepa.

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de junho, a R\$16,69/kg, aumento de 5,99% em relação ao início do mês de maio. No mesmo período, o alho classe 6 foi comercializado a R\$19,32/kg, aumento de 5,28%. E o alho tipo 7 foi comercializado a R\$20,90/kg, com aumento de 2,70%. Na segunda quinzena do mês, os preços apresentaram pequenas oscilações de alta, fechando junho com o alho classe 5 a R\$16,99/kg, aumento de 2,21%; o alho classe 6, a R\$19,07/kg, aumento de 0,53% em relação ao início do mês. O alho classe 7 foi comercializado a R\$21,06/kg, aumento de 0,76% no mês.

No mês de junho, o alho argentino manteve seus preços relativamente estáveis e menores que os do alho nacional, fechando o mês em R\$17,95/kg, R\$16,95/kg e R\$15,95/kg para as classes 5, 6 e 7, respectivamente.

O mês de junho se iniciou com os preços de atacado para o alho roxo nacional com pequena redução em relação ao final de junho. O alho classe 5 foi comercializado, no final da primeira semana do mês, a R\$16,04/kg, redução de 5,92%; já o alho classe 6 passou a R\$18,97/kg, redução de 0,53%, e o alho classe 7, a R\$20,04/kg, redução de 0,09% em relação ao final do mês de junho.

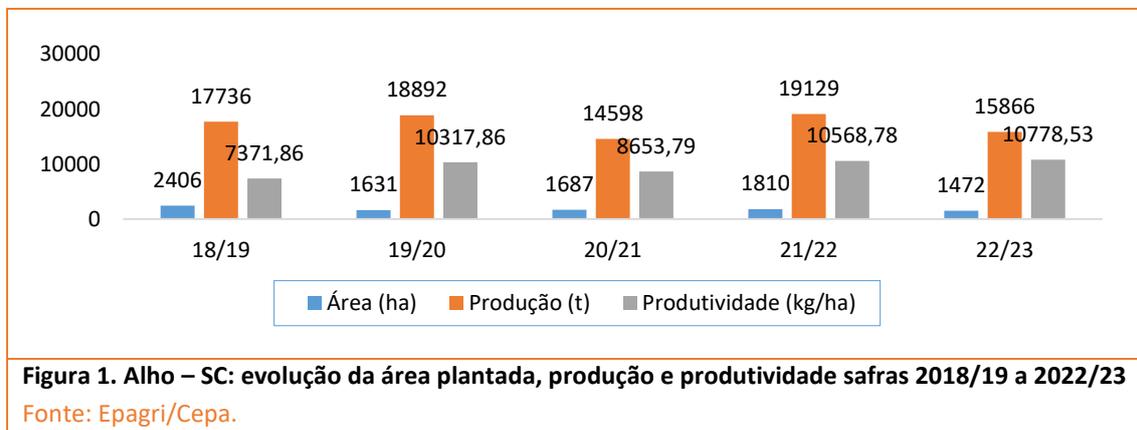
Na Ceasa/SC, unidade de São José, o preço do alho nobre nacional permaneceu com preços estáveis durante todo o mês de junho. Dessa forma, o produto classes 4 e 5 foi comercializado a R\$15,50/kg, enquanto o produto das classes 6 e 7, a R\$17,00/kg. O alho importado, classes 4 e 5, também permaneceu com preço estável, sendo comercializado a R\$15,50/kg, mesmo preço desde o mês de maio deste ano.

Produção

A colheita da safra catarinense 2021/22 foi concluída no mês de janeiro. A comercialização está praticamente concluída. No mês de junho, a Epagri/Cepa fez a estimativa inicial das safras de inverno e, dentre elas, a do alho. De acordo com o acompanhamento do projeto safras da Epagri/Cepa, em Santa Catarina haverá redução de 22,96% na área plantada, caindo de 1.810 ha para 1.472 ha. Em termos de produção, a redução esperada é de 20,56%, passando de 19.129 para 15.866 toneladas, com expectativa de aumento da produtividade de 1,98%, a depender das condições climáticas no período de desenvolvimento da cultura.

O retorno econômico dos produtores na safra passada foi afetado pela produção de bulbos de baixo calibre, em função dos efeitos da estiagem e de outros fatores técnicos, como o uso de alho-semente de bulbilhos menores para a formação das lavouras. Na Figura 1, apresentamos a evolução da produção da cultura do alho em Santa Catarina desde a safra 2018/19 até a produção, estimada, da safra 2022/23.

A safra catarinense de alho 2022/23 está sendo plantada, tendo já atingido, de acordo com o Projeto Safras da Epagri/Cepa, 56,45% da área estimada.



Comércio exterior

Em junho de 2022, foram importadas 13,74 mil toneladas de alho, aumento de 2,30% em relação ao mês de maio. O volume internalizado nos primeiros seis meses é de 82,17 mil toneladas, com redução de 7,80% em relação ao mesmo período do ano passado, quando haviam sido importadas 88,58 mil toneladas. Em 2021, o Brasil importou o menor volume no período analisado, sendo também o mais baixo dos últimos quinze anos, fechando o ano com a importação de 125,70 mil toneladas, significando uma redução de 35,04% em relação a 2020, o que tem favorecido a produção nacional da hortaliça (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan. 2018 a mai. 2022 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,46
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,68
2022	9,2	13,89	15,43	11,48	13,43	13,74	-	-	-	-	-	-	82,17

Fonte: Comexstat/ME: jul. 2022.

Com relação ao preço médio do alho importado (FOB), não houve movimento de preço, permanecendo o mesmo do mês anterior – ou, US\$1,20/kg (Figura 2).

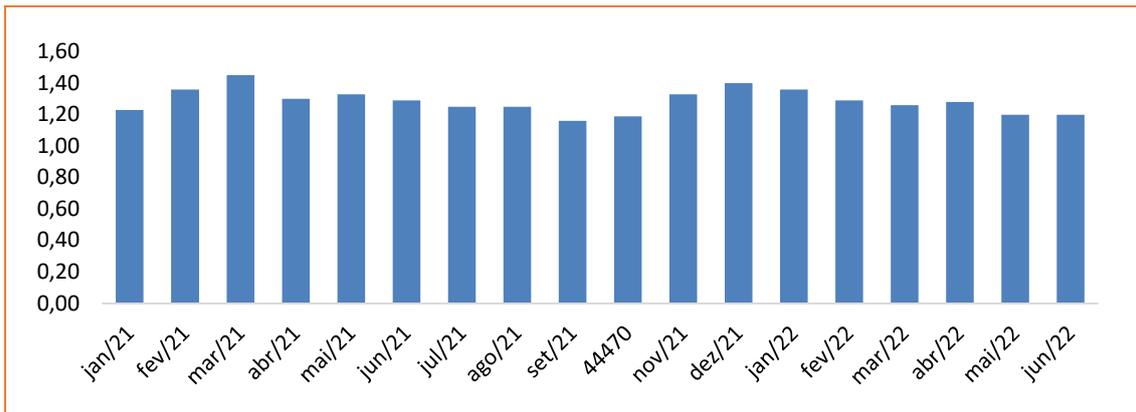


Figura 2 - Alho - Brasil: preço médio (FOB) da importação (US\$/Kg) – jan. 2021 a jun. 2022

Fonte: ComexStat/ME; jul. 2022.

Na figura 3, apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal do Brasil no período de janeiro de 2021 a junho de 2022. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de junho foi de US\$16,47 milhões (FOB), aumento de 1,98% em relação ao do mês de maio. O volume importado - 13,74 mil toneladas - representou um aumento de 2,31%.

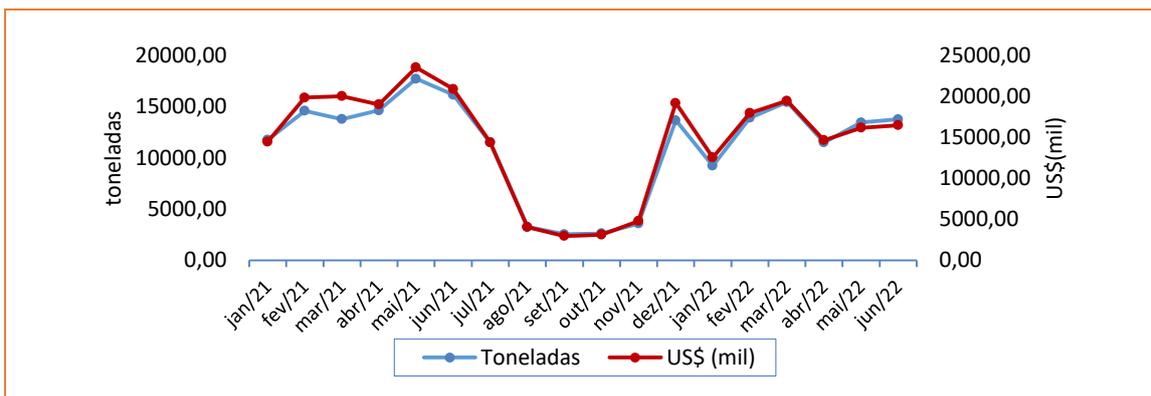


Figura 3. Alho – Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação de jan. 2021 a jun. 2022

Fonte: ComexStat/ME; jul. 2022.

Os principais fornecedores de alho para o Brasil, no mês de maio, foram a Argentina, com 9,42 mil toneladas, perfazendo 68,54% da importação no mês; a China, com 2,21 mil toneladas, o equivalente a 16,11%; a Espanha, com 1,22 mil toneladas, 8,89% do volume, e os demais países com 0,89 mil toneladas, perfazendo 6,46% do total importado (Figura 4).

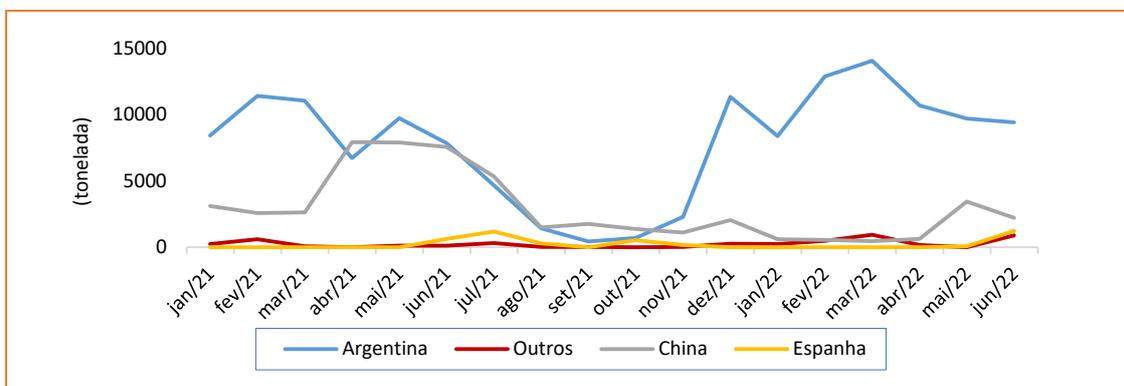


Figura 4. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan. 2021 a jun. 2022 (t)

Fonte: Comexstat/ME; jul. 2022.

Considerando a importância de que Santa Catarina tenha um plano para a cultura do alho em curto prazo, em função das milhares de famílias que têm na atividade importante fonte de renda, mantemos o registro das demandas pautadas pela cadeia produtiva junto à câmara técnica do alho do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural, realizada em 15/12/2021, conforme vimos fazendo desde boletins anteriores, agregando, nesse momento, a intenção do governo federal de baixar impostos sobre o produto importado e a questão dos incentivos fiscais para empresas instaladas no estado, agravando ainda mais a situação dos produtores catarinenses.

A pauta lista um conjunto de ações das políticas públicas de apoio à produção da hortaliça em Santa Catarina, como se segue:

- maior rigor do estado na fiscalização nas fronteiras quando da entrada do produto importado, exigindo o cumprimento das normas do Mercosul;
- maior envolvimento da estrutura do estado na construção e divulgação da IG do alho roxo do planalto catarinense;
- melhorias e manutenção das estações meteorológicas da região produtora de alho;
- apoio da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural (SAR) à pesquisa sobre a cultura, com financiamentos para a produção e a aquisição de sementes de qualidade superior e livre de vírus;
- estruturação do programa de apoio à infraestrutura de produção das propriedades produtoras, especialmente na armazenagem de água para irrigação.

A pauta apresentada pela Câmara Setorial é o patamar mínimo de iniciativas e ações que a cadeia produtiva espera para manter uma produção economicamente competitiva e viável no estado.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A comercialização da safra catarinense de cebola 2021/22 foi concluída no mês de maio. As expectativas, agora, se voltam para as estimativas iniciais de plantio e para o andamento da nova safra no estado. Neste sentido, são determinantes para o sucesso da nova safra as condições climáticas do período de desenvolvimento da cultura, de uma boa gestão de custos de produção e do manejo da cultura.

Preços e mercado

No mês de junho, o mercado nacional foi abastecido pelas regiões do Triângulo Mineiro, de Goiás e do Nordeste e pela importação, que apresentou significativa redução. Para o mês de julho, prevê-se a entrada no mercado da cebola paulista. A conjuntura de mercado no mês de junho foi influenciada pela produção em volume menor para o período, causada pela redução de plantios por excesso de chuvas no mês de fevereiro nas Regiões do Nordeste e no Triângulo Mineiro.

Na Ceagesp/SP, na primeira semana de junho, o preço da cebola média foi de R\$3,49/kg, redução de 27,50% em relação aos preços do início de maio, que eram de R\$4,45/kg. Na segunda quinzena do mês, os preços tiveram novas reduções, passando para R\$3,24/kg em 24 de junho, sofrendo mais reduções e fechando o mês com preço de R\$2,86/kg, redução de 22,02% em relação ao início do mês.

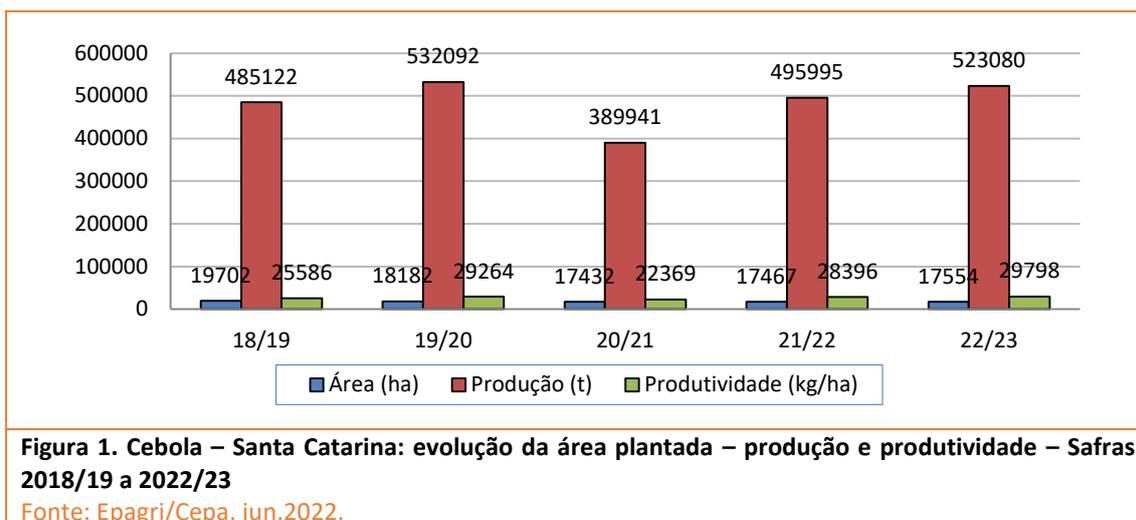
O mês de julho se iniciou, em relação ao final de junho, com pequena recuperação nos preços da cebola nacional tamanho médio, passando para R\$3,67/kg no dia 8 de julho, diferença provocada pela menor oferta, ainda que pontual e momentânea, nas Regiões do Cerrado e do Nordeste.

A cebola importada da Argentina foi comercializada, no início do mês de junho, com preços na faixa de R\$4,10/kg, caindo, porém, para R\$3,30/kg no dia 24, quando cessou a comercialização de cebola argentina na Ceagesp.

Na Ceasa/SC (unidade de São José), o mês de junho se iniciou com preço da cebola no atacado a R\$3,75/kg, redução de 13,3% em relação ao preço do início de maio. Com a maior oferta do produto nacional, as cotações tiveram pequena redução no mês, fechando junho a R\$3,25/kg, redução de 15,38%. A cebola importada da Argentina manteve-se, durante todo o mês de junho, com o preço de atacado a R\$3,75/kg, mantendo o mesmo preço no início de julho.

Safra catarinense

A comercialização da safra de cebola 2021/22 foi concluída no mês de maio com resultados satisfatórios para os produtores. No mês de junho, a Epagri/Cepa fez o lançamento das estimativas de produção para a safra 2022/23 da cebola em Santa Catarina. De acordo com as informações do Projeto Safras, as estimativas iniciais apontam para uma área a ser plantada de 17.554 ha, aumento de 0,52% em relação à safra 2021/22, e uma produção esperada de pouco mais de 523 mil toneladas, aumento de 5,46% em relação à (produção) da última safra. A produtividade é estimada em 29.798kg por ha, cerca de 4,96% superior à da safra 2021/22. Em termos de implantação das lavouras, a estimativa é de que aproximadamente 17% da área já esteja plantada, o que equivale a pouco mais de 3 mil ha.



Importação

De acordo com o Siscomex/ME, que registra as importações de cebola pelo Brasil, os números indicam redução do volume importado nos últimos anos. A redução se deve, dentre outros fatores, aos efeitos da pandemia da Covid-19, como, por um lado, à elevação do custo do frete marítimo e, por outro, à taxa de câmbio, com desvalorização do real frente ao dólar.

Em 2021, o País importou 116.961 toneladas de cebola, volume 40,85% menor que em 2020. De janeiro a junho de 2022, as importações foram de 128.600 toneladas, cerca de 12,32% a mais em relação ao mesmo período passado, como mostra a tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2019 a junho de 2022 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	197.752
2021	911	14.809	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	1.011	116.961
2022	668	3.220	29.178	30.254	53.043	12.237	-	-	-	-	-	-	128.600

Fonte: ComexStat/ME, jul. 2022.

Apesar da redução nas importações de cebola pelo Brasil nos últimos anos, o País é um mercado importante para a produção de alguns países, notadamente a Argentina (Tabela 2). Nessa tabela, apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2021 e no período de janeiro a junho de 2022, com os respectivos volumes (t) e valores em US\$ (FOB).

Em 2021, das 116,9 mil toneladas de cebola importadas, 98,65 mil vieram da Argentina, representando 84,34% do volume total. Dos Países Baixos, foram 8,76 mil toneladas, ou 7,49% do total; do Chile, 7,15 mil toneladas, o equivalente a 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% da importação. O preço médio FOB foi de US\$0,23/kg, com desembolso total, pelo País, de aproximadamente US\$27,25 milhões (FOB) (Tabela 2).

Em 2022, o volume importado até o mês de junho foi de 128.600 toneladas, com preço médio de US\$0,25/kg (FOB), aumento de 8,69% em relação ao ano passado.

Países	2021		2022 ^(*)	
	(US\$ mil) FOB	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)
Argentina	19.162,26	98.650	19.576,92	98731,28
Chile	2.888,34	7.155	10075,48	24.849,10
Países Baixos	3.161,48	8.767	1.450,90	4.124,40
Espanha	409,52	2.008	300,20	796,0
Nova Zelândia	58,3	104	0,00	0,0
Uruguai	84,93	253	0,00	0,0
Peru	10,00	24	6,25	50,0
Estados Unidos	0,00	0,00	15,45	50,0
Total	25.774,83	116.961,00	31.425,20	128.600,78

(*) Valores até junho de 2022.

Fonte: ComexStat/ME, jul. 2022.

Em junho, foram importadas 12.237,6 toneladas da hortaliça, redução de 76,92% em relação ao mês de maio/22 e aumento de 312,55% em relação a junho/21. O desembolso do País, no mês, foi de US\$ 3,03 milhões, como se pode conferir no gráfico de comportamento das importações de cebola pelo Brasil (Figura 2).

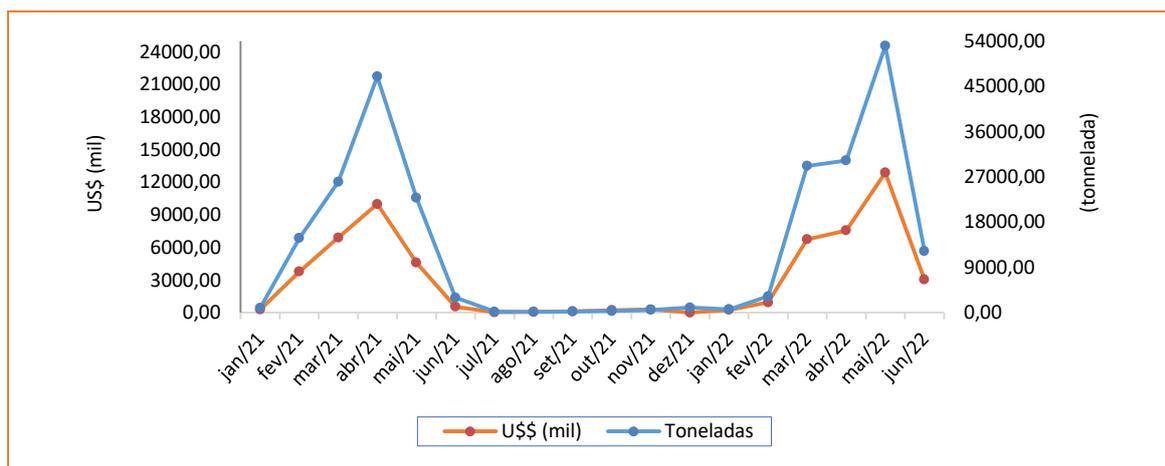


Figura 2 - Cebola – Brasil: importação mensal de jan. 2021 a jun. 2022

Fonte: ComexStat/ME, jul. 2022.

No mês de junho, os países fornecedores da hortaliça para o Brasil foram a Argentina (com 9,77 mil toneladas, 79,90% do volume total); o Chile (com 1,33mil toneladas, significando 10,92% das importações) e os Países Baixos (com 1,12 mil toneladas, representando 9,18% do total).

O comportamento das importações de cebola pelo Brasil pode ser visto na figura 3. Neste sentido, percebe-se que é no primeiro semestre que ocorre o maior volume de entrada de cebola estrangeira. Coincidentemente, é o período de comercialização da produção catarinense da hortaliça que conta com a concorrência direta da cebola argentina.

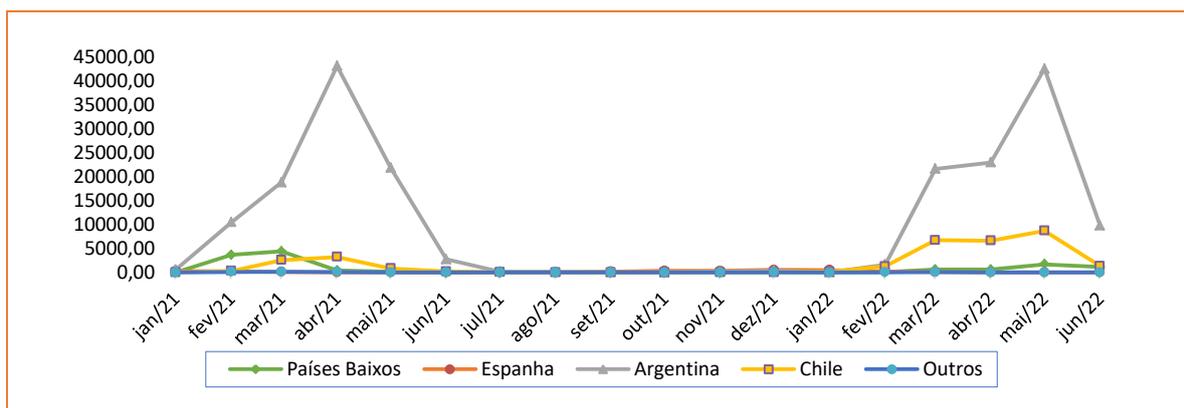


Figura 3. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores (t) – jan./21 – jun./22

Fonte: ComexStat/ME, jul. 2022.

De acordo com os números anunciados no lançamento da estimativa da safra de cebola 2022/23 pela Epagri/Cepa, Santa Catarina deverá manter-se como o maior produtor nacional da hortaliça, com aproximadamente 30% da produção brasileira. A estimativa é de uma produção superior a 523 mil toneladas, admitida uma condição climática normal. A preocupação da cadeia produtiva é relacionada aos custos de produção, pela tendência, nesta safra, de redução da margem dos produtores.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Mais uma vez, os preços do frango vivo apresentaram movimentos ligeiramente distintos nos dois principais estados produtores. Na comparação entre a primeira quinzena de julho e as médias do mês anterior, observou-se queda de 0,1% no Paraná e alta de 0,6% em Santa Catarina. Quando se comparam os valores atuais com os registrados em julho de 2021, por outro lado, as variações são de 20,6% em Santa Catarina e de 3,8% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 11,9%, segundo o IPCA/IBGE.

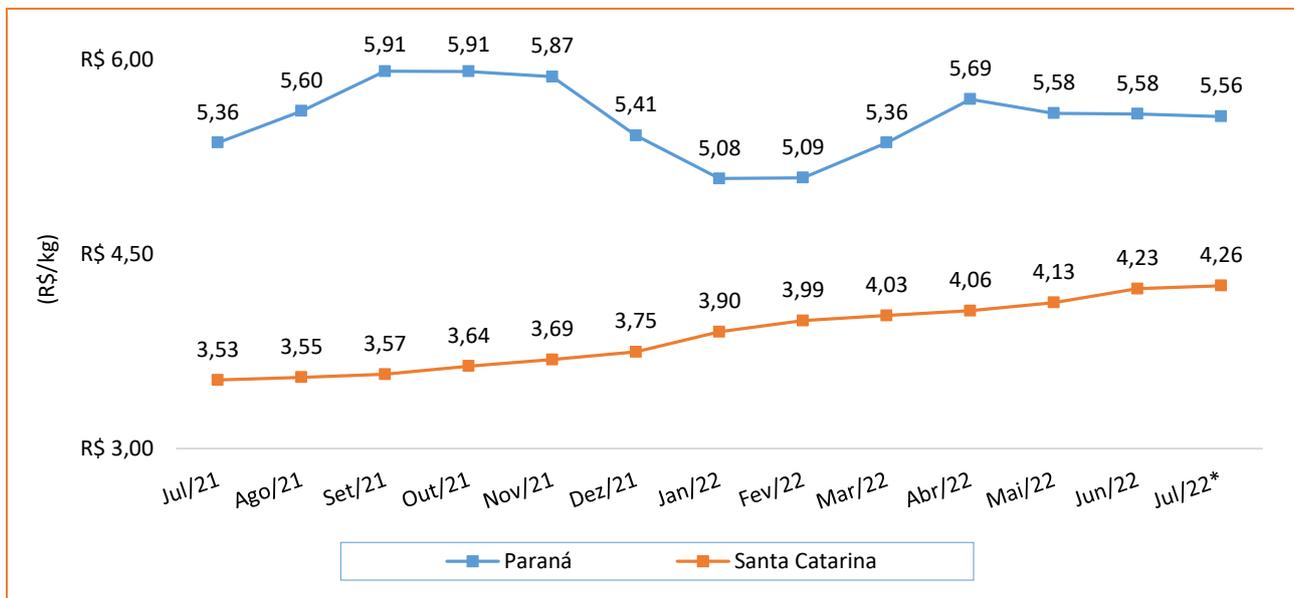


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR); IEA (SP).

Das três praças estaduais de levantamento de preço, somente no sul catarinense se registrou alta na comparação entre a primeira quinzena de julho e a média do mês anterior (1,5%). Em Chapecó e em Joaçaba, os preços mantiveram-se inalterados no período. Na comparação com julho de 2021, observam-se variações positivas em todos os casos: 26,6% no sul catarinense; 20,5% em Chapecó e 12,3% em Joaçaba.

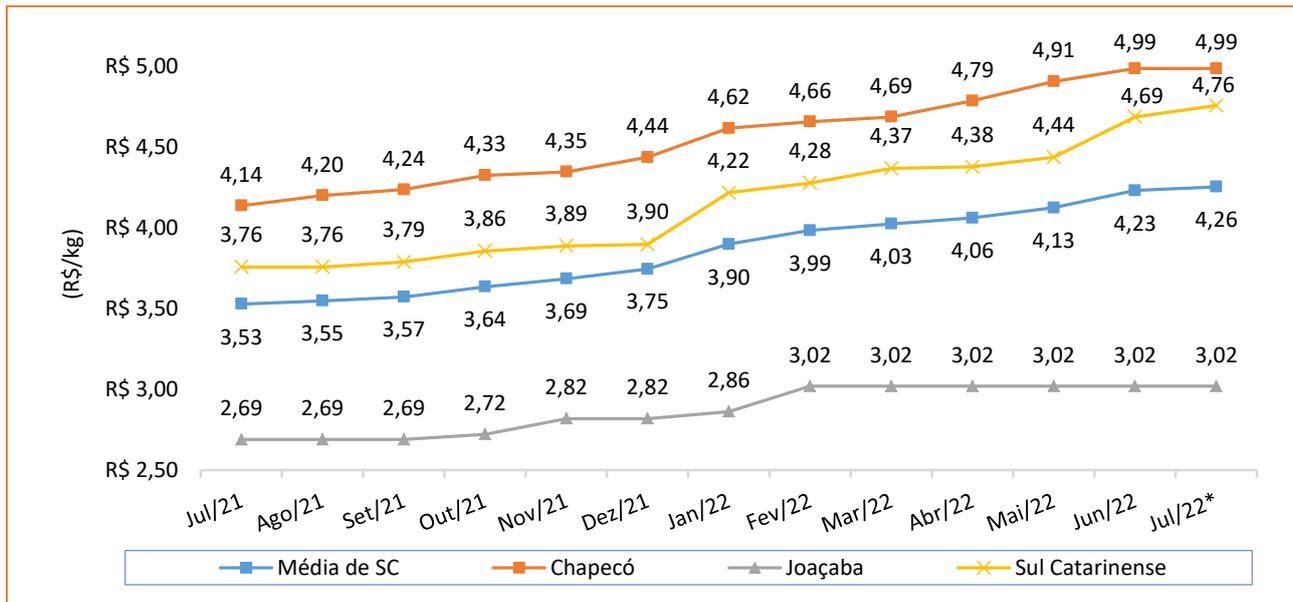


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg) ⁽¹⁾
 Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.
 * Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.
 Fonte: Epagri/Cepa.

Na primeira quinzena de julho, predominaram os movimentos de alta nos preços da carne de frango no mercado atacadista, a exemplo do que se vem observando desde março passado. Na comparação com as médias do mês anterior, observaram-se variações bastante expressivas: 13,3% para o frango inteiro congelado; 4,0% para o filé de peito; 6,1% para a coxa/sobrecoxa e 3,5% para o peito com osso. A variação média foi de 7,5%.

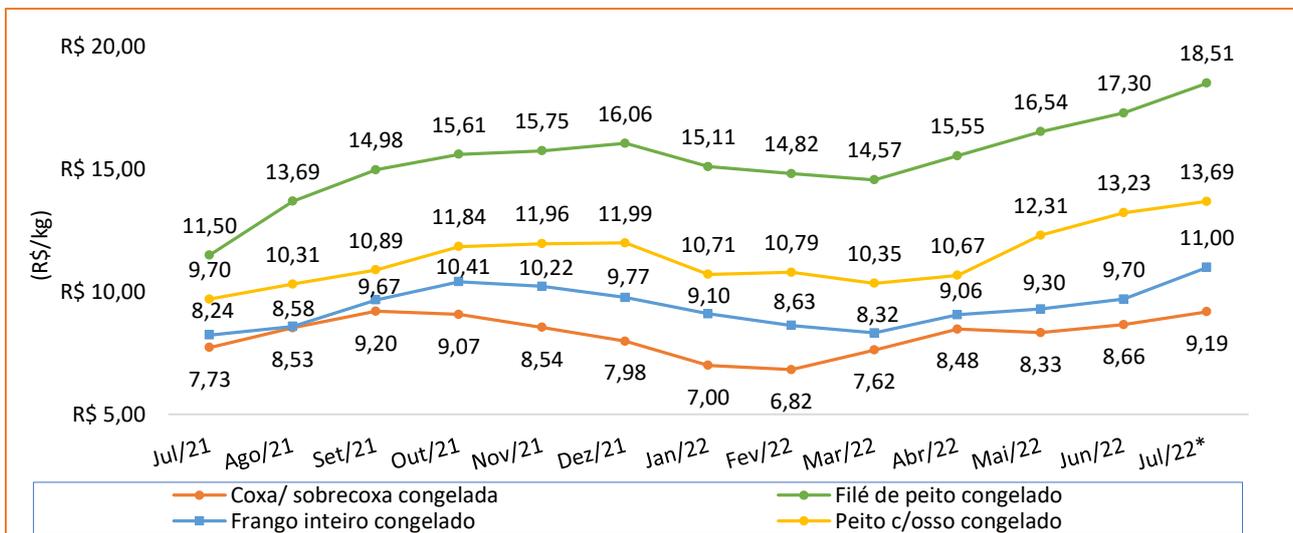


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)
 * Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.
 Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os preços preliminares de julho com o mesmo mês de 2021, todos os cortes apresentaram expressivas variações positivas: 49,0% para o peito com osso; 46,9% para o filé de peito; 19,9% para o frango inteiro e 16,3% para a coxa/sobrecoxa. A variação média no período foi de 33,0%.

Custos

Em junho, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou queda de 2,6% em relação ao mês anterior. Apesar disso, no ano o indicador acumula alta de 5,0%. Nos últimos 12 meses, a variação foi de 6,1%, decorrente, principalmente, da elevação dos gastos com nutrição e pintos de 1 dia.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou queda de 4,0% na primeira quinzena de julho, exclusivamente devido à queda no preço do milho em Chapecó, já que, na mesma praça, o preço do frango vivo manteve-se inalterado. O valor atual dessa relação de troca está 29,0% abaixo daquele registrado em julho de 2021. Ou seja, no mesmo período do ano passado, eram necessários 25,7kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60 kg de milho, quantidade que caiu para 13,3 kg neste mês.

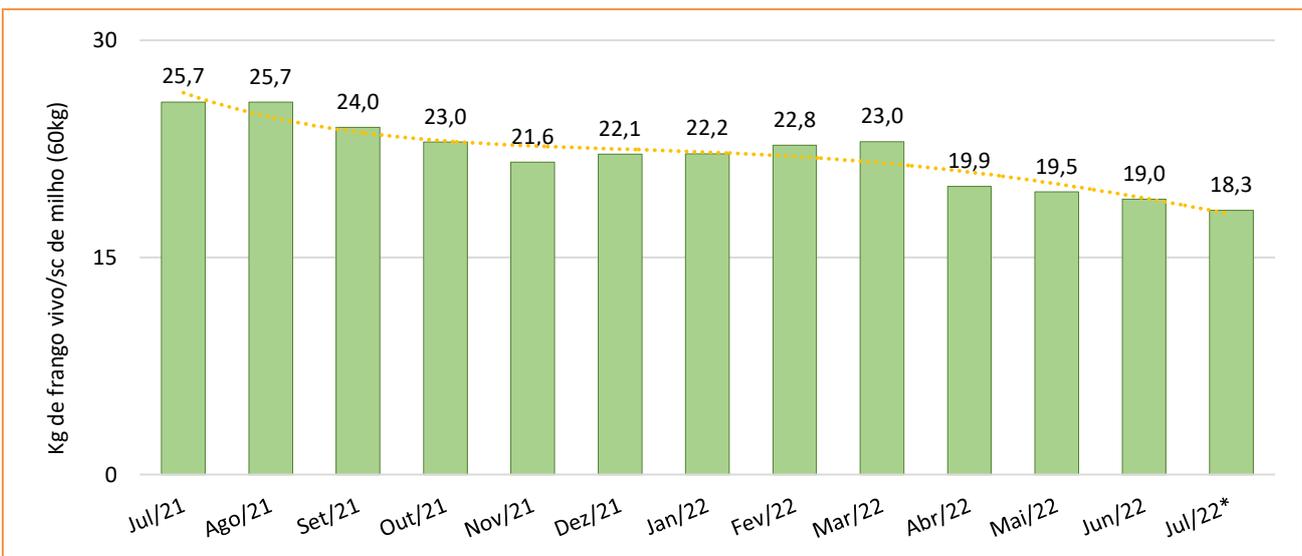


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó/SC.

* Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em junho, o Brasil exportou **418,68 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), alta de **0,1%** em relação ao mês anterior, e de **8,7%** na comparação com junho de 2021. As receitas, por sua vez, foram de **US\$932,12 milhões**, elevação de **5,0%** em relação a maio, e de **46,7%** na comparação com junho de 2021. Este é o melhor resultado financeiro mensal do setor desde o início da série histórica, a contar de janeiro de 1997. Isto se deve tanto ao aumento no volume embarcado em junho, quanto à elevação dos preços médios da carne de frango no mercado internacional.

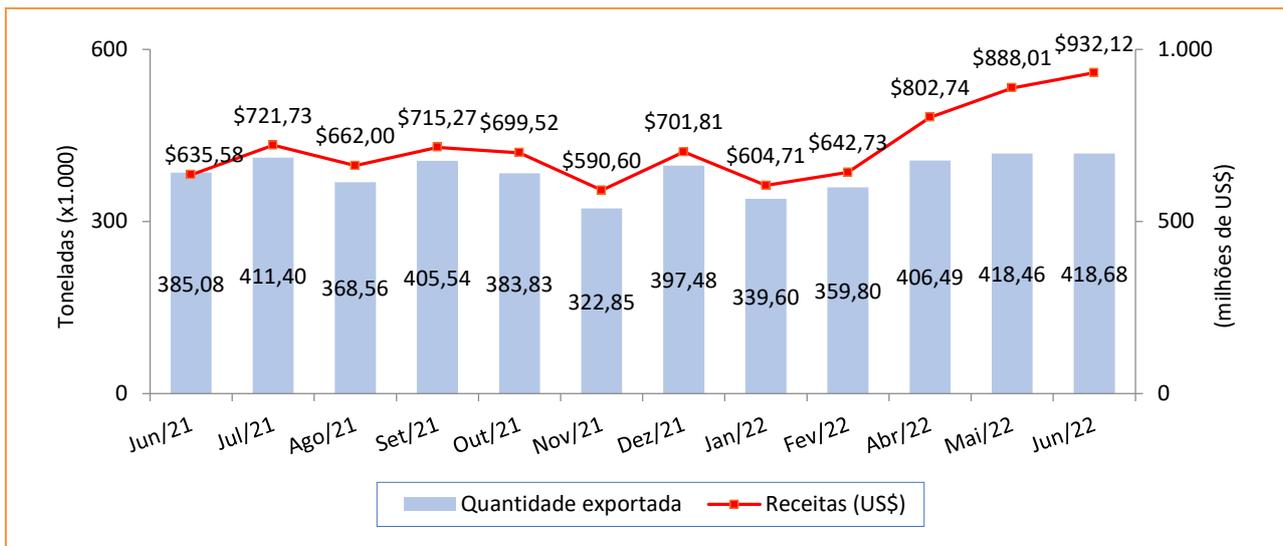


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No 1º semestre de 2022, o Brasil exportou **2,35 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$4,62 bilhões**, altas de **7,7%** e **35,9%**, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são: China, Emirados Árabes Unidos, Japão, Arábia Saudita e Países Baixos, responsáveis por 48,2% das receitas.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **89,68 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em junho, o que representa alta de **9,8%** em relação ao mês anterior e queda de **3,2%** na comparação com junho de 2021. Este é o maior volume embarcado no ano. As receitas foram de **US\$211,42 milhões**, alta de **14,4%** em relação ao mês anterior e de **27,7%** na comparação com junho de 2021. Em termos financeiros, este é o melhor resultado mensal desde maio de 2019.

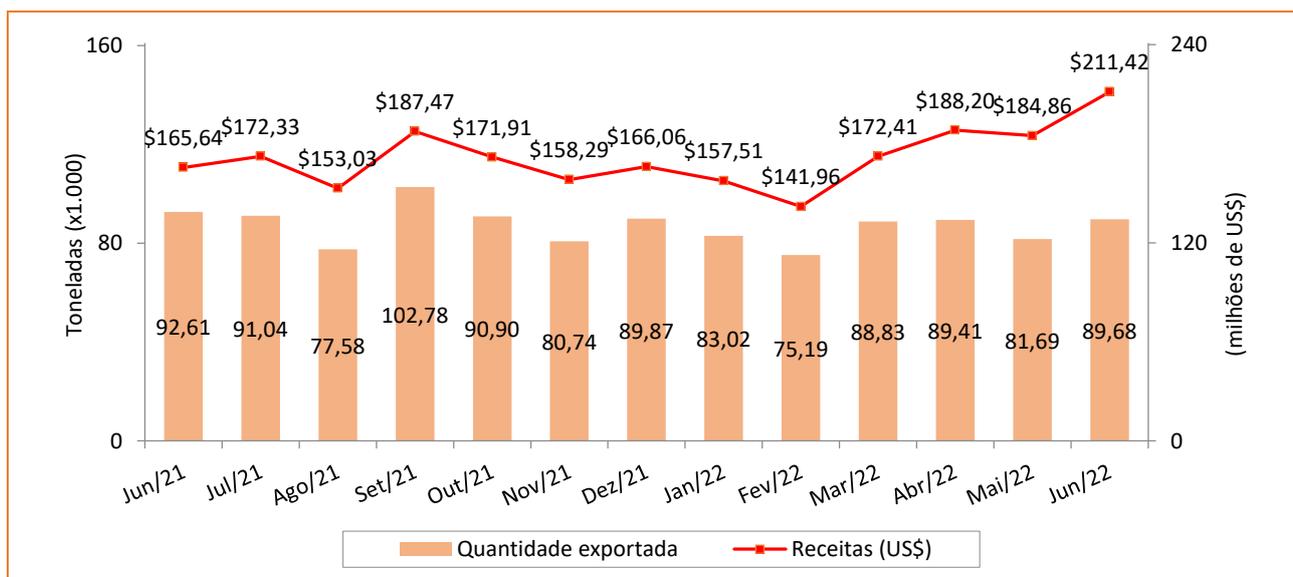


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado no mês passado foi de **US\$2.274,28/t**, alta de **5,7%** em relação ao mês anterior, e de **30,9%** na comparação com junho de 2021.

No 1º semestre, Santa Catarina exportou **507,82 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,06 bilhão**, altas de **3,1%** e **27,4%**, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **22,9%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango nos seis primeiros meses do ano.

A tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, que responderam por 54,9% das receitas e por 49,3% da quantidade exportada pelo estado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º semestre 2022

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	147.182.095,00	68.697
Países Baixos	111.424.413,00	39.024
Emirados Árabes Unidos	108.206.686,00	46.235
Arábia Saudita	106.471.573,00	48.309
China	106.435.303,00	48.090
Demais países	476.643.753,00	257.462
Total	1.056.363.823,00	507.817

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, somente Japão e China registraram variações negativas nas quantidades adquiridas no 1º semestre deste ano em relação ao mesmo período de 2021: -8,6% e -6,2%, respectivamente. Em termos de receitas, no entanto, todos apresentaram altas no período, com destaque para Países Baixos (44,0%), Emirados Árabes Unidos (51,1%) e Arábia Saudita (28,7%), o que tem garantido os resultados favoráveis observados este ano.

A perspectiva é que as exportações se mantenham estáveis ao longo do 2º semestre, com tendência de alta em relação ao ano anterior. Este cenário é importante para o setor, já que os custos de produção se mantêm elevados e as exportações ajudam as agroindústrias a equilibrar suas margens de lucro, uma vez que a tonelada exportada gera valor superior ao que as empresas receberiam pelo mesmo produto no mercado interno.

Produção

De acordo com os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa, no 1º semestre de 2022 foi produzido em Santa Catarina e destinado ao abate um total de **415,21 milhões de frangos**, montante **2,6% inferior** ao do mesmo período do ano anterior e **2,5% inferior** ao do 2º semestre de 2021.

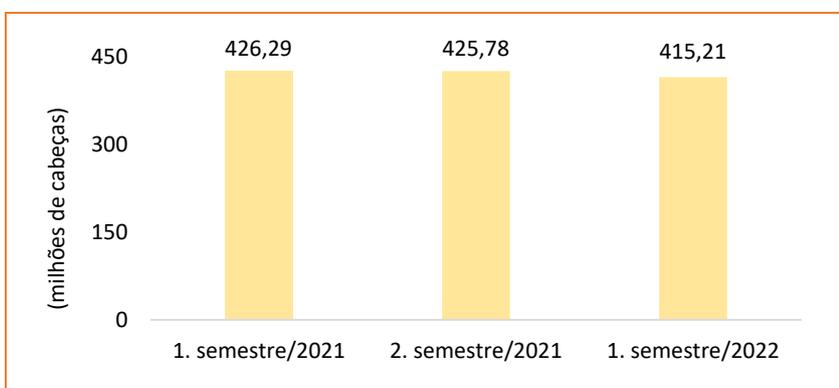


Figura 7. Frangos – Santa Catarina: quantidade de aves destinadas ao abate por semestre (2021-22)

Fonte: Cidasc.

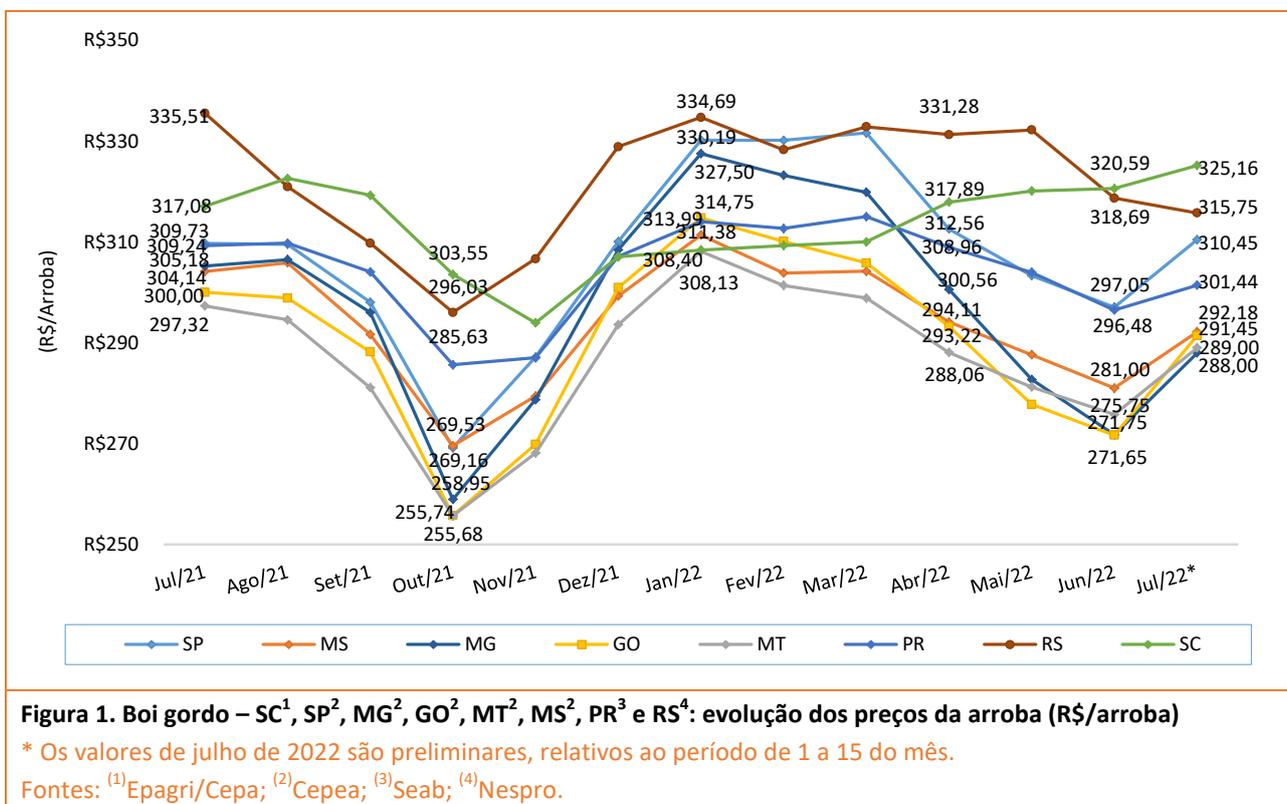
Do total de frangos produzidos em Santa Catarina de janeiro a junho deste ano, 97,4% foram abatidos no próprio estado e 2,6%, em outras unidades da Federação, em especial Paraná e Rio Grande do Sul.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de quase seis meses com predominância de quedas, na primeira quinzena de julho os preços do boi gordo voltaram a subir em quase todos os estados analisados, na comparação com as médias de junho: 7,3% em Goiás; 6,0% em Minas Gerais; 4,8% no Mato Grosso; 4,5% em São Paulo; 4,0% no Mato Grosso do Sul; 1,7% no Paraná e 1,4% em Santa Catarina. A única exceção, até o momento, é o Rio Grande do Sul, que registrou queda de 0,9% no período.



Na comparação entre os preços atuais e os registrados em julho de 2021, verifica-se predominância de variações negativas: -5,9% no Rio Grande do Sul; -5,6% em Minas Gerais; -3,9% no Mato Grosso do Sul; -2,8% em Goiás; -2,8% no Mato Grosso e -2,5% no Paraná. Altas são registradas em Santa Catarina e em São Paulo: 2,5% e 0,2%, respectivamente. Ressalta-se que essas variações levam em conta os valores nominais. Segundo o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 11,9%, o que significa, na prática, que nenhum estado apresenta variações positivas quando se consideram os valores corrigidos e que as diferenças reais em relação ao ano anterior são ainda mais expressivas do que as apontadas anteriormente.

Em Santa Catarina, mais uma vez, observaram-se movimentos ligeiramente distintos na primeira quinzena de julho entre as duas praças de referência para o preço do boi gordo: queda de 0,4% em relação ao mês anterior em Chapecó e alta de 5,6% em Lages. Na comparação com julho de 2021, registra-se alta de 9,6% em Chapecó e queda de 2,0% em Lages.

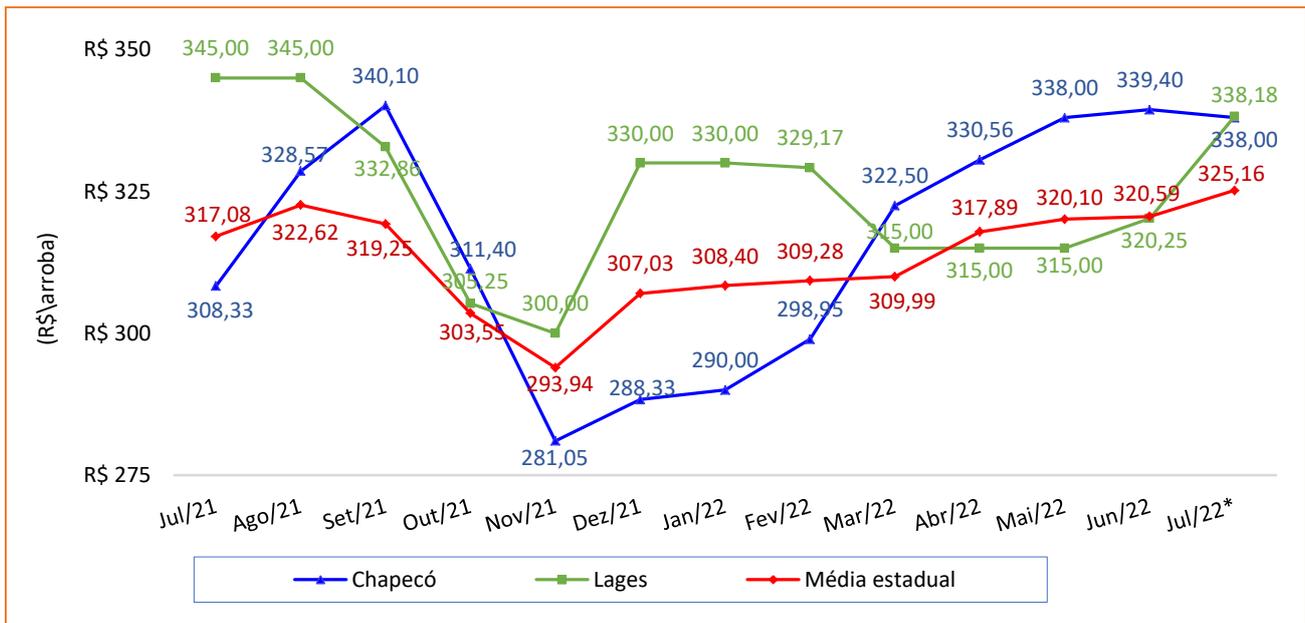


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina apresentaram altas na primeira quinzena de julho em relação aos do mês anterior, mantendo a tendência predominante desde fins de 2021: 0,4% na carne de dianteiro e 0,6% na carne de traseiro. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de 0,5% em julho, com alta de 7,6% acumulada no ano.

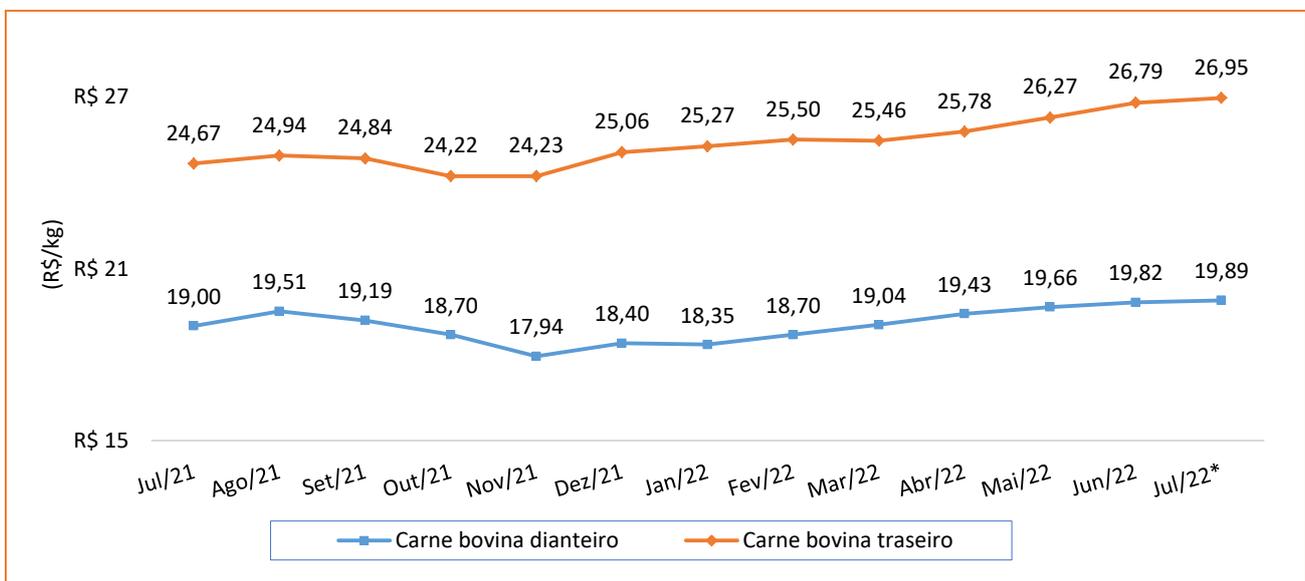


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores atuais com os de julho de 2021, observam-se altas de 4,7% para a carne de dianteiro e de 9,3% para a carne de traseiro, com média de 7,0%.

Custos

Na primeira quinzena de julho, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram movimentos de alta, seguindo a tendência observada desde fevereiro passado. Em relação ao mês anterior, as variações são de 0,9% para os bezerros de até 1 ano, e de 0,7% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com julho de 2021, registraram-se queda de 1,5% para os bezerros e alta de 0,8% para os novilhos.

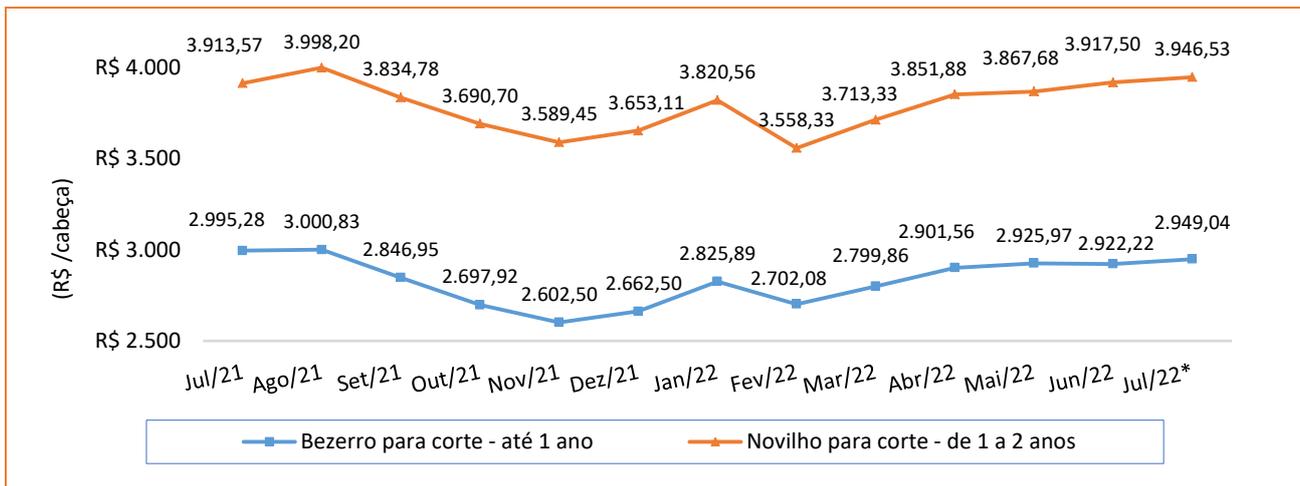


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em junho, o Brasil exportou **175,09 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de **0,5%** em relação ao mês anterior, mas alta de **6,6%** na comparação com junho de 2021. As receitas foram de **US\$1,14 bilhão**, crescimento de **5,4%** em relação ao mês anterior e de **36,9%** na comparação com junho de 2021.

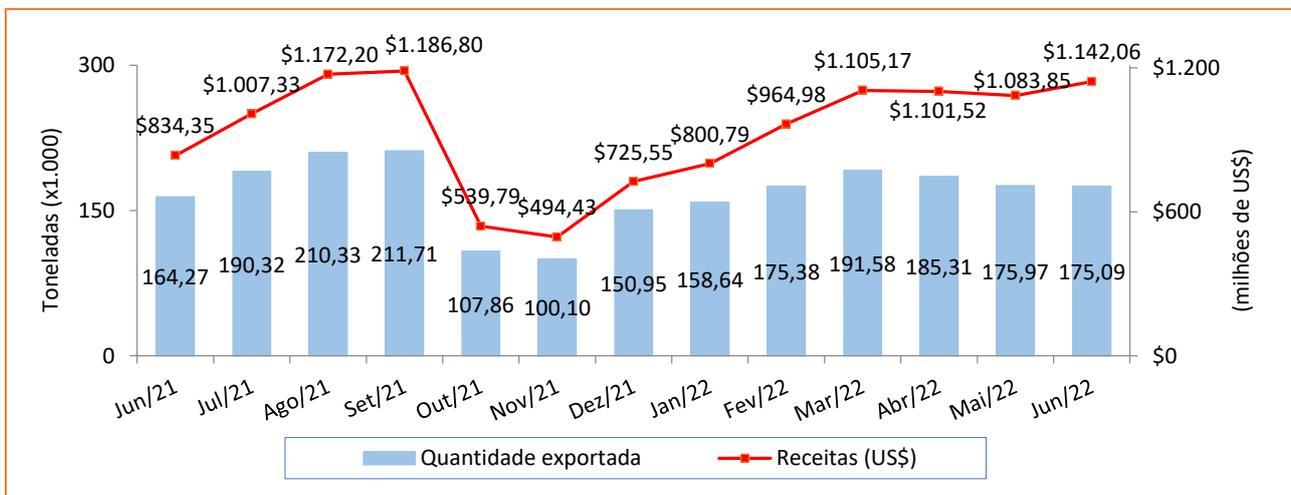


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil em junho foi de **US\$6.825,09/t**, alta de **5,8%** em relação ao mês anterior e **31,7%** acima de junho de 2021.

No acumulado do 1º semestre, o Brasil exportou **1,06 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$6,20 bilhões** em receitas, altas de 21,5% em volume e de 52,1% em receitas na comparação com o mesmo período de 2021. China e Hong Kong responderam por 62,1% das receitas com as exportações desse produto no ano.

Os bons resultados supramencionados se devem, essencialmente, ao crescimento das vendas para os três principais destinos: China (alta de 35,3% em quantidade e 86,6% em receitas, na comparação com o mesmo período do anterior); Estados Unidos (83,8% e 67,6%) e Egito (232,7% e 268,2%).

Santa Catarina, por sua vez, exportou **157 toneladas** de carne bovina em junho, com faturamento de **US\$727,1 mil**, quedas de 14,3% e de 6,8%, respectivamente, em relação ao do mês anterior. Na somatória dos embarques do 1º semestre, Santa Catarina exportou **1,24 mil toneladas**, com faturamento de **US\$5,24 milhões**, quedas, em relação ao mesmo período do ano anterior, de 25,9% e 15,9%, respectivamente.

Produção

De acordo com os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa, no 1º semestre de 2022 foi produzido em Santa Catarina e destinado ao abate um total de **309,89 mil bovinos**, montante **10,1% inferior** ao do mesmo período do ano anterior e **2,6% inferior** ao do 2º semestre de 2021.

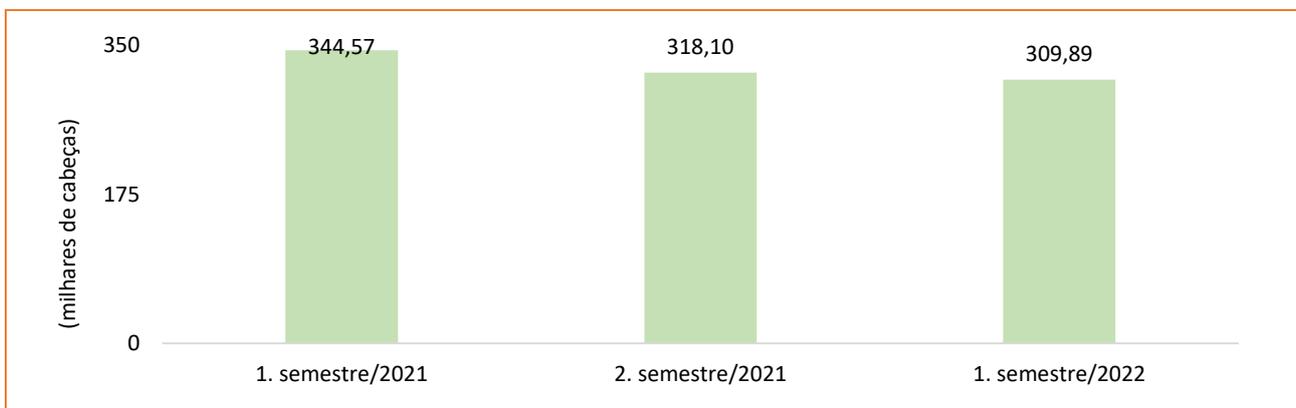


Figura 6. Bovinos – Santa Catarina: quantidade de animais destinados ao abate por semestre (2021-22)

Fonte: Cidasc.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de julho, as cotações do suíno vivo apresentam altas em todos os principais estados produtores, conforme demonstra a figura 1. Este movimento de recuperação vem sendo observado desde o início deste ano, não obstante algumas oscilações intermediárias.

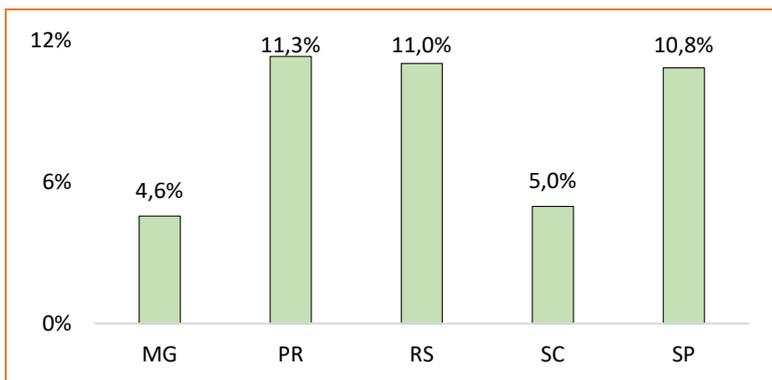


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (jun./jul. 2022*)

* Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Quando se comparam os preços deste mês com os de julho de 2021, observam-se variações positivas em quase todos os estados analisados: 8,1% em Minas Gerais; 6,8% em São Paulo; 5,1% no Paraná e 4,9% no Rio Grande do Sul. A única exceção é Santa Catarina, que registra queda de 11,2% no período. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 11,9%, segundo o IPCA/IBGE. Vale destacar que os valores constantes na

figura 2 são nominais, o que significa, considerada a inflação, que variações negativas se têm observado em todos os valores supramencionados.

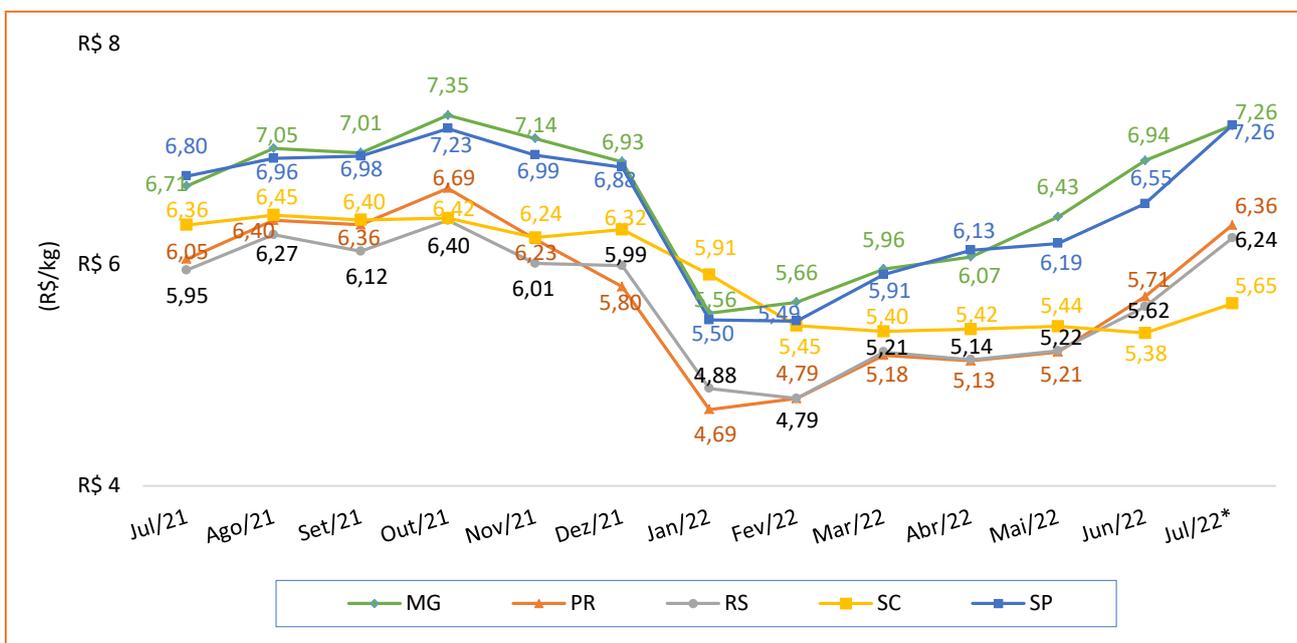
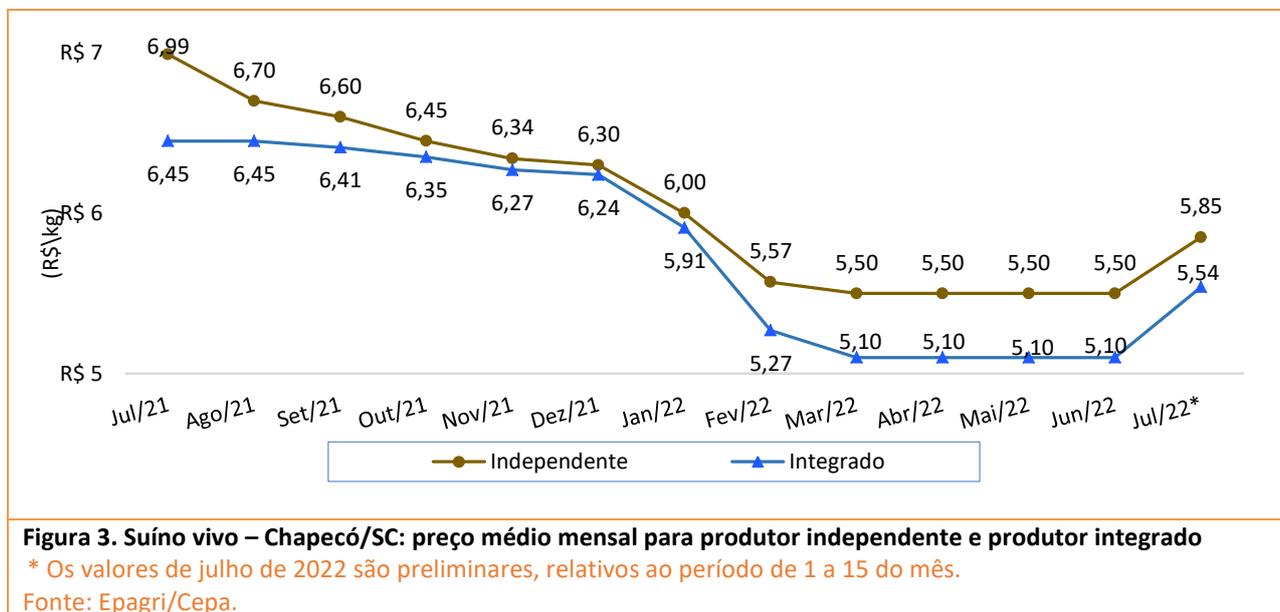


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

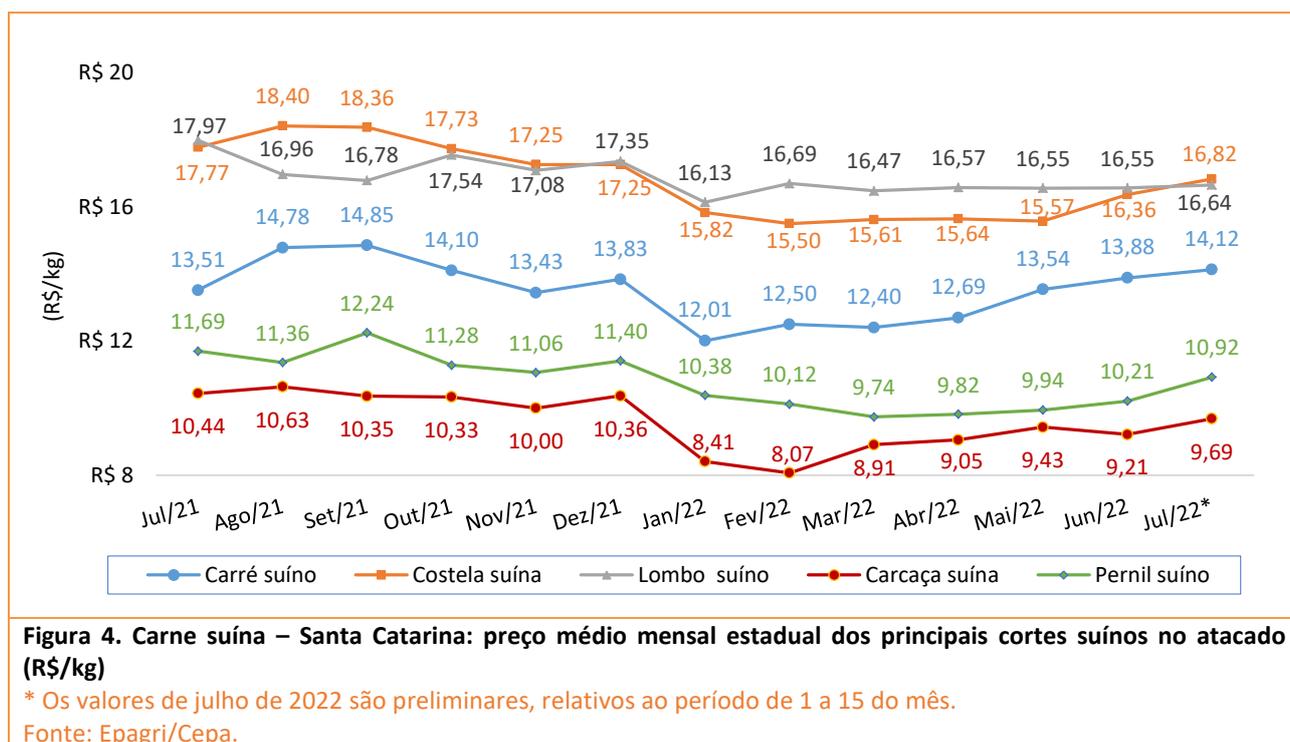
* Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Depois de um longo período de quedas e estagnação, os valores do suíno vivo na praça de referência de Chapecó voltaram a apresentar altas na primeira quinzena de julho em relação ao mês anterior: 6,4% para o produtor independente e 8,6% para o integrado. Apesar do resultado favorável deste mês, na comparação com julho de 2021, os preços pagos aos produtores independentes e integrados apresentaram quedas de 16,3% e 14,1%, respectivamente.



Assim como observado nos três meses anteriores, os preços de atacado da carne suína apresentaram predominância de alta na primeira quinzena de julho, em relação ao mês anterior: pernil, 7,0%; carcaça, 5,1%; costela, 2,8%; carré, 1,8% e lombo, 0,6%. A variação média dos cinco cortes foi de 3,5%. No acumulado do ano, contudo, ainda se registra queda de 2,0%.

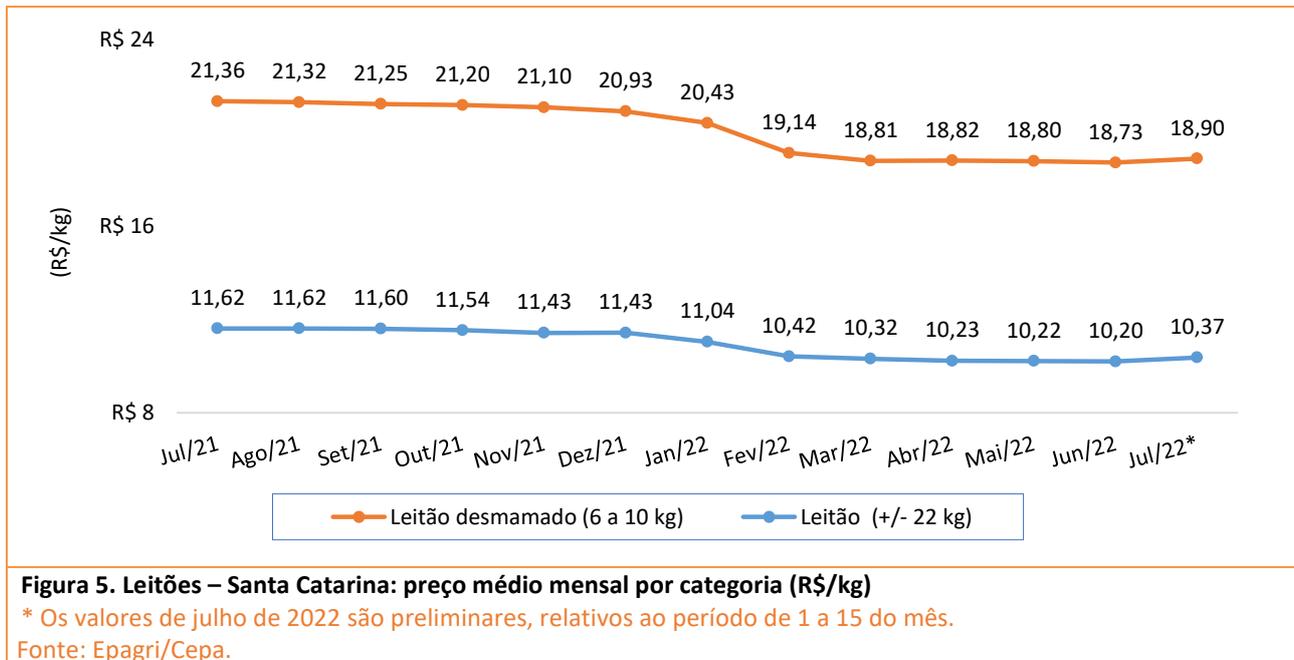


Na comparação entre os valores preliminares atuais com os de julho de 2021, observam-se variações negativas em quase todos os cortes: lombo, -7,4%; carcaça, -13,7%; pernil, -6,6% e costela, -5,3%. A única exceção é o carré, com alta de 4,5%. Na média dos cinco cortes, a queda é de 4,4%.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em junho o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$7,34/kg de peso vivo, estável em relação ao mês anterior. No ano, o Índice de Custo de Produção de Suínos (ICPSuínos) acumula alta de 4,8%, enquanto, nos últimos 12 meses, a variação foi de 7,6%.

Depois de quase um ano com predominância de quedas, na primeira quinzena de julho os preços dos leitões voltaram a apresentar movimentos de alta, embora pouco expressivos: o preço dos leitões de 6kg a 10kg subiu 0,9% em relação ao do mês anterior, enquanto os leitões de aproximadamente 22kg tiveram alta de 1,7%. Na comparação com julho de 2021, contudo, ainda se registram quedas em ambas as categorias: -11,5% para os leitões de 6 a 10 kg e -10,7% para os leitões de aproximadamente 22kg.



A relação de equivalência insumo-produto apresentou queda de 10,5% na primeira quinzena de julho em relação ao mês anterior. Este resultado é decorrente tanto da queda no preço do milho em Chapecó (-4,0%), quanto da expressiva alta no preço do suíno vivo na mesma praça (7,5%). Ainda assim, o valor atual está 0,9% acima daquele observado em julho de 2021.

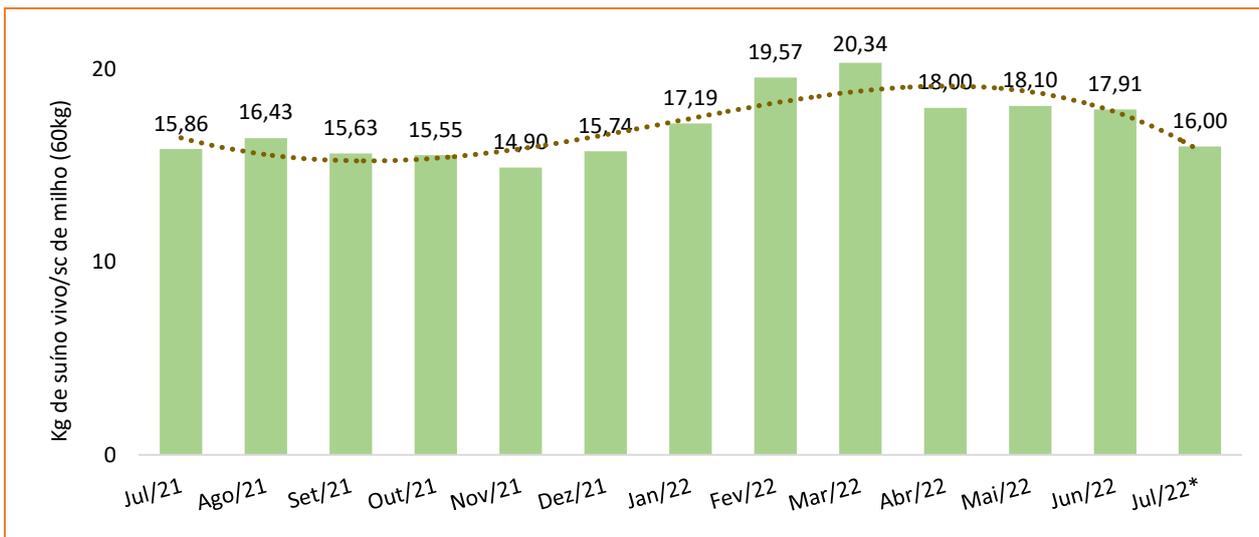


Figura 6. Suíno vivo – Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço ao produtor independente e ao produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* Os valores de julho de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 15 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em junho, o Brasil exportou **91,77 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **5,5%** em relação a maio, mas queda de **14,3%** na comparação com o mesmo mês de 2021. As receitas foram de **US\$216,55 milhões**, crescimento de **7,9%** em relação ao mês anterior, mas queda de **19,1%** na comparação com junho de 2021. Esses são os melhores resultados mensais do ano.



Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No 1º semestre deste ano, o Brasil exportou **499,72 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,10 bilhão**, quedas de 9,8% em quantidade e de 17,8% em valor, na comparação com o mesmo período de 2021.

Os cinco principais destinos das exportações brasileiras de carne suína no 1º semestre do ano foram: China (37,0% das receitas do período); Hong Kong (9,2%); Filipinas (8,4%); Singapura (6,9%) e Argentina (5,2%).

Santa Catarina exportou **50,69 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em junho, alta de **9,0%** em relação ao mês anterior e queda de **8,6%** na comparação com junho de 2021. As receitas foram de **US\$124,10 milhões**, alta de **10,3%** em relação ao mês anterior e queda de **13,5%** na comparação com junho de 2021. Este é o melhor resultado mensal desde setembro do ano passado.

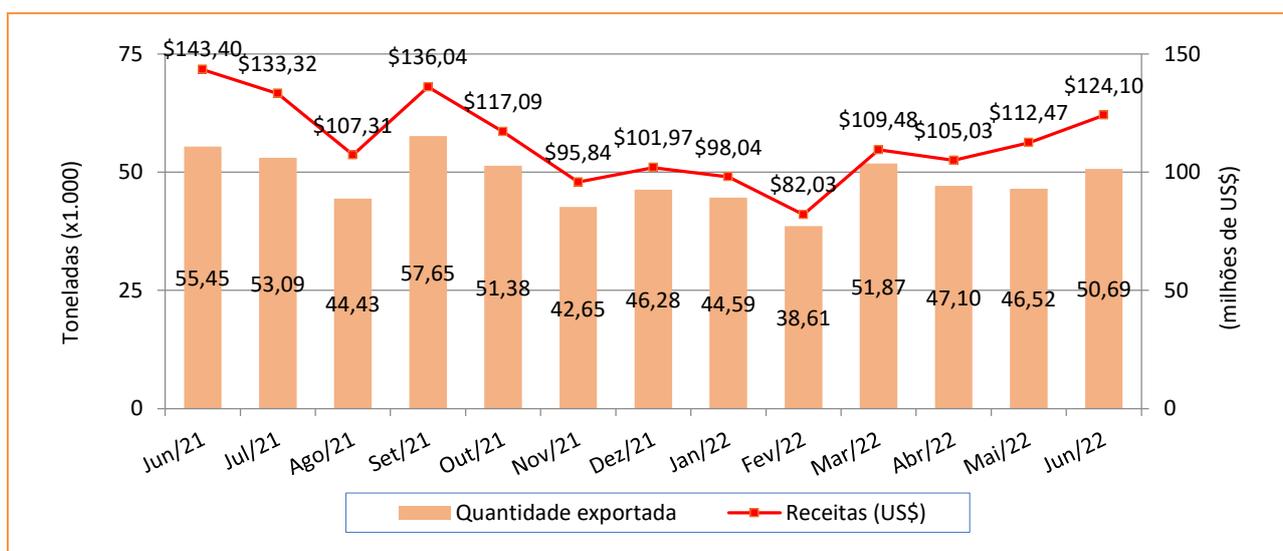


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em junho foi de **US\$2.487,62/t**, alta de **0,9%** em relação ao mês anterior, mas redução de **7,0%** na comparação com junho de 2021.

No acumulado do 1º semestre, o estado exportou **279,37 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$631,14 milhões**, quedas de 1,3% em quantidade e de 10,5% em valor na comparação com o mesmo período de 2021. Santa Catarina respondeu por **57,4%** das receitas e por **55,9%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil neste ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na tabela 1, foram responsáveis por 77,7% das receitas no 1º semestre deste ano. China e Hong Kong responderam por 47,8%.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º semestre 2022

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	407.459.844,00	183.154
Hong Kong	101.513.054,00	50.298
Filipinas	92.891.155,00	41.863
Singapura	75.481.941,00	31.767
Argentina	57.313.716,00	24.922
Demais países	365.534.883,00	167.713
Total	1.100.194.593,00	499.717

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, três apresentaram variações negativas nas receitas do 1º semestre em relação ao mesmo período de 2021: China (-40,0%); Chile (-39,2%) e Hong Kong (-37,2%). Por outro lado, variações positivas foram observadas nas exportações para a maioria dos destinos, com destaque para Filipinas (351,5%), Japão (99,4%) e Estados Unidos (70,9%).

Vale destacar que o Canadá autorizou, recentemente, a importação de carne suína do Brasil. Até o momento, oito frigoríficos brasileiros foram habilitados a exportar para aquele país, todos eles localizados em Santa Catarina. Isto se deve ao reconhecimento, pela OIE, do estado como área livre de febre aftosa sem vacinação e livre de peste suína clássica. Embora outros estados também tenham conquistado tal *status* em 2021, o governo canadense levou em consideração o fato de Santa Catarina possuir tal certificação há 15 anos, dentre outros fatores. Os embarques para o Canadá devem ajudar o estado a minimizar os impactos negativos da redução das compras por parte dos chineses.

Produção

De acordo com os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa, no 1º semestre de 2022 foi produzido em Santa Catarina e destinado ao abate um total de **8,49 milhões de suínos**, montante **8,7% superior** ao do mesmo período do ano anterior e **2,5% superior** ao do 2º semestre de 2021.

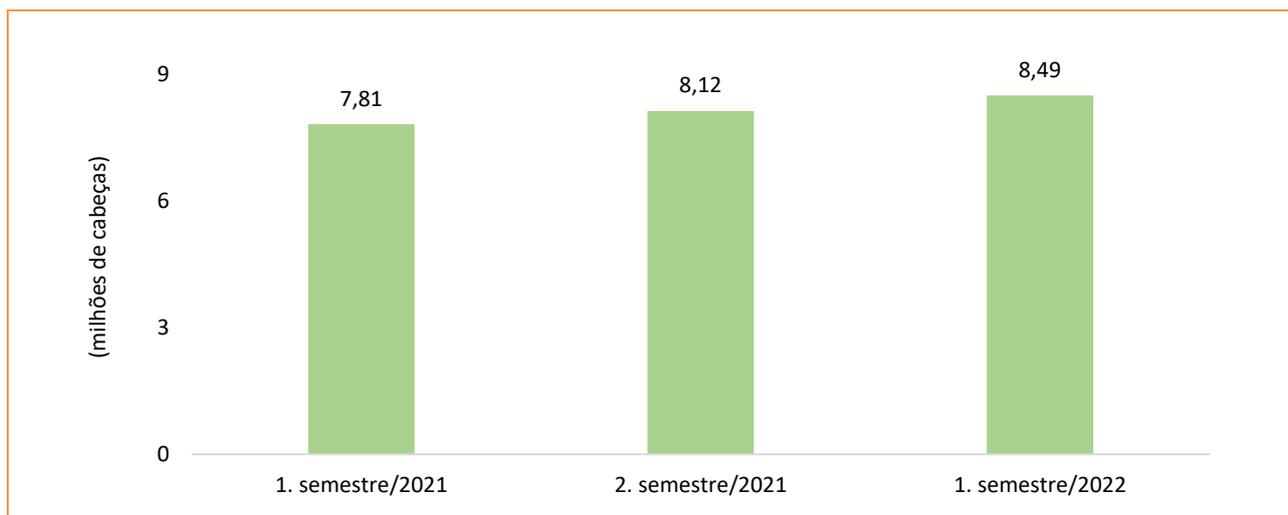


Figura 9. Suínos – Santa Catarina: quantidade de animais destinados ao abate por semestre (2021-22)

Fonte: Cidasc.

Do total de suínos produzidos em Santa Catarina de janeiro a junho deste ano, 89,6% foram abatidos no próprio estado e 10,4%, em outras unidades da Federação, em especial Paraná e Mato Grosso do Sul.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

Em agosto (dia 11), o IBGE divulgará os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), com os primeiros dados relativos aos meses do segundo trimestre de 2022 sobre a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas no Brasil. Apesar de ser um período de entressafra da produção leiteira nacional, a elevação bem acima dos parâmetros tradicionais nos preços dos lácteos nas semanas mais recentes reforça a perspectiva de que os números a serem divulgados mostrarão um desempenho bastante negativo da produção leiteira nacional, como já ocorreu nos três primeiros meses de 2022.⁸

Preços

Parte das significativas altas que os preços dos lácteos tiveram no atacado das indústrias catarinenses ocorreu nas semanas posteriores à realização da última reunião do Conseleite/SC, em 24/6, razão por que não entraram na equação do cálculo do preço de referência projetado para junho. Isto indica dois pontos para a próxima reunião, a ser realizada em 22/7: a) que o preço de referência final de junho ficará acima do que foi projetado na última reunião; b) e que o preço de referência projetado para julho será sensivelmente superior ao projetado para junho (Tabela 1). Neste caso, porque os preços estão se mantendo em patamares elevados neste mês de julho.

Tabela 1. Leite padrão – Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina					
Mês	R\$/l na propriedade, com Funrural incluso			Variação (%)	
	2020	2021	2022	2020/21	2021/22
Janeiro	1,2273	1,6020	1,6370	30,5	2,2
Fevereiro	1,2342	1,5218	1,7369	23,3	14,1
Março	1,2974	1,5699	1,9415	21,0	23,7
Abril	1,3192	1,5820	2,1307	19,9	34,7
Maior	1,3091	1,6994	2,1666	29,8	27,5
Junho	1,5176	1,8025	2,4018	18,8	33,2
Julho	1,5588	1,7676		13,4	
Agosto	1,7288	1,7950		3,8	
Setembro	1,7994	1,7912		-0,5	
Outubro	1,7075	1,7031		-0,3	
Novembro	1,6703	1,6125		-3,5	
Dezembro	1,7121	1,6385		-4,3	
Média anual	1,5068	1,6738		11,1	

Junho/2022: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Em relação aos preços aos produtores, os levantamentos da Epagri/Cepa mostram ter havido variações acima das indicadas pelo Conseleite/SC. Neste mês de julho, por exemplo, o preço médio variou bem mais significativamente do que havia sido sinalizado na última reunião do referido conselho (Tabela 2).

⁸ No Boletim Agropecuário de junho há uma breve análise sobre o desempenho dos três primeiros meses de 2022, contemplando os principais estados produtores de leite do Brasil. Consultar em: https://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/Boletim_agropecuario/boletim_agropecuario_n109.pdf

Tabela 2. Leite – Santa Catarina: preço médio ⁽¹⁾ aos produtores

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2019	2020	2021	2022	2020/21	2021/22
Janeiro	1,09	1,22	1,94	1,90	59,0	-2,1
Fevereiro	1,17	1,26	1,78	1,92	41,3	7,9
Março	1,25	1,29	1,71	2,02	32,6	18,1
Abril	1,27	1,28	1,76	2,26	37,5	28,4
Maio	1,32	1,19	1,84	2,45	54,6	33,2
Junho	1,32	1,31	1,99	2,57	51,9	29,1
Julho	1,23	1,50	2,15	3,04	43,3	41,4
Agosto	1,19	1,66	2,17	-	30,7	-
Setembro	1,21	1,87	2,17	-	16,0	-
Outubro	1,21	1,95	2,12	-	8,7	-
Novembro	1,19	1,92	1,95	-	1,6	-
Dezembro	1,18	1,97	1,84	-	-6,6	-
Média anual	1,22	1,54	1,95	-	27,1	-

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

Balança comercial

Em junho, as importações e as exportações brasileiras de lácteos voltaram a ter comportamentos inversos: as importações aumentaram e as exportações diminuíram em relação ao mês anterior. O saldo negativo de junho (8,6 milhões de quilos de lácteos) segue bem abaixo do alcançado em vários meses dos últimos anos, mas já é bem maior do que o do mesmo mês de 2021 e do que o de todos os meses de 2022 (Tabela 3).

Tabela 3. Lácteos – Balança comercial brasileira

Mês	Milhão de quilos								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Janeiro	10,6	17,8	8,6	2,9	2,4	3,3	-7,7	-15,5	-5,4
Fevereiro	8,8	15,1	6,9	1,8	1,8	4,4	-7,0	-13,4	-2,6
Março	9,4	14,4	8,0	2,5	2,8	2,5	-6,8	-11,6	-5,5
Abril	6,0	7,3	5,7	1,8	4,3	4,5	-4,2	-3,0	-1,2
Maio	7,5	8,3	8,4	2,3	3,3	3,2	-5,2	-5,0	-5,2
Junho	8,4	8,8	10,9	2,2	4,0	2,3	-6,3	-4,9	-8,6
Julho	12,6	9,6	-	2,7	3,5	-	-9,9	-6,1	-
Agosto	18,0	10,0	-	2,7	3,0	-	-15,3	-7,0	-
Setembro	22,8	10,6	-	2,4	2,5	-	-20,4	-8,1	-
Outubro	22,1	12,1	-	2,7	2,1	-	-19,5	-10,0	-
Novembro	22,9	11,3	-	2,5	2,2	-	-20,4	-9,1	-
Dezembro	22,4	11,1	-	2,5	3,4	-	-19,9	-7,7	-
Total	171,6	136,5	-	29,0	35,1	-	-142,6	-101,4	-

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat

Com os atuais patamares dos preços internos, o cenário mais provável é que em julho se repitam o aumento das importações e a redução das exportações.